

V - Vestígios da presença árabe ao longo do rio Douro

V - Vestígios da presença árabe ao longo do rio Douro.

1. As fortificações de fronteira e os postos de vigia - O “*ribāt*” de Boassas
2. Vestígios arquitectónicos e arqueológicos
[Castelo, muralha e cisterna de Lamego. Igreja de Almacave. Igreja de Balsemão. Igreja de S. Martinho de Mouros. Castro do Morro da Mogueira.. Igreja de Cárquere. Boassas. Igreja de S. Pedro das Águias. Igreja de Barrô. Casa do Cubo. Azulejos de Escamarão. Igreja de Tarouquela. Ermida do Paiva. Túmulo moçárabe de Cinfães; Castelo de Penedono; etc.]
3. Cultura, usos e costumes
[Manifestações culturais e sociais populares. Símbolos. Resquícios de linguagem. O barco rabelo. A cultura da oliveira e da vinha. Os socalcos. As lendas e histórias de mouras encantadas, etc.]
4. Toponímia
[Monte Mouro. Almedina. Fáfel. Almacave. Almofala. S. Martinho de Mouros. Fazamões. Boassas. Açougues. Arribada. Alcáçova. Córdova. Alqueives. Arrabaldes. Barbeita. etc.]
5. Conclusão do capítulo V

1.1. A concepção urbanística da “Arribada” de Boassas (Cinfães)

*“O cimo da povoação está ligado ao bairro inferior por uma escadaria tosca e tortuosa que vale a pena descer, para se conhecer as colmeias de moradias designadas pelo nome de Arribada.”*¹

A “Arribada” constitui, indubitavelmente, a zona mais antiga da povoação de Boassas, no concelho de Cinfães. A sua estrutura, sinuosa e algo labiríntica, parece assemelhar-se, em alguns aspectos, ao urbanismo dos povoados árabes. De facto, se atentarmos bem na sua configuração, sobretudo na sua parte mais antiga, a “Arribada” (ou “Arrábida” como é também designada), verificaremos que no aspecto construtivo, no traçado urbano, na forma como as ruas e vielas se organizam em torno de pequenos pátios e terraços, há uma aparente semelhança com a forma como os árabes construíaam as suas povoações.

Sabemos que a habitação de tradição árabe se desenvolvia em torno de um pátio, que ocupava cerca de um quarto da área total da casa e em redor do qual se distribuíaam os compartimentos². A dimensão média de cada casa era de cerca de 70 a 80 metros quadrados. O acesso à rua era feito por um átrio que desembocava neste pátio central.³

Desenvolvendo-se em cascata, ao longo da encosta, os pequenos pátios sucedem-se em volta do arruamento principal e comunicam com este através de um pequeno átrio, por vezes coberto. No centro do conjunto, existe um largo maior, denominado “o Rossio”. Este dá origem a três pequenas vielas que por sua vez geram, cada uma, nova sucessão de habitações e pátios. Uma vez cerrados os outrora existentes portões de acesso de cada um destes caminhos, este núcleo ficaria completamente isolado, sendo ainda um complemento de defesa o cerramento de cada uma das portas dos pátios, designadas pelas gentes da aldeia por portas “furenhas” (fronhas?).

Infelizmente já muito degradada, esta zona tem vindo a ser nos últimos tempos alvo de intervenções desastrosas, fruto de uma falta de cuidado e zelo quer por parte das próprias gentes, quer pela autarquia, merecendo urgentemente uma cuidada intervenção,

¹ DIONÍSIO, Sant’Anna - *Guia de Portugal*, pág. 554

² Ver Anexos: Fotografia de um dos típicos pátios de Boassas, pág. 44

³ Ver: TORRES, Cláudio/MACIAS, Santiago - *O legado islâmico em Portugal*, pág. 42

que urge em chegar, embora se encontre já apontada no P.D.M., que prevê, aliás, para toda a aldeia a elaboração de um Plano de Pormenor, graças ao seu interesse enquanto Zona de Valor Patrimonial, mas que, lamentavelmente, de nada tem servido.

No entanto, pese embora todos estes maltratos e delapidação que tem sofrido, a fisionomia deste núcleo principal da aldeia apresenta, ainda hoje, um certo “ar mediterrânico” pouco usual nos povoados desta região ⁴.

1.2. O “*ribat*” de Boassas e as fortificações de fronteira

O topónimo “*Arribada*”, em Boassas, afigura-se-nos revelador da evidência de uma construção defensiva designada em árabe por “*ribāt*” e que foi bastante usual nas costas e locais de fronteira do *al-Ándalus*. A presença deste topónimo, pela grande proximidade fonética com o termo original árabe, acaba por ser ainda mais evidente que Arrábida, com o qual também é conhecida esta zona de Boassas. O mesmo topónimo existe também na cidade do Porto e indicaria a presença de uma destas fortificações.

Estas edificações parecem ter sido prolíferas ao longo do rio *Douro* e poderão mesmo ter constituído o caso inédito em todo o *Garb al-Andalus*, de uma linha defensiva, à semelhança das existentes no *Oriente* ⁵. É também no *Douro*, na região de *Barbaryyya*, a qual coincide precisamente com a zona de *Lamego*, que *Ibn Hayyān* faz a mais antiga menção que se conhece à existência de “*ribats*”, no século IX, mais precisamente no ano 263/876-7 ⁶, os quais tiveram um papel preponderante na defesa do *al-Ándalus*.

Foram, sobretudo, al-Hakam I e ‘Abd al-Rahmān II os principais responsáveis pelo reforço do aparelho militar muçulmano da época nesta região. A fronteira, inicialmente tida como sendo o rio Minho, regride para o Douro, após as rebeliões dos Berberes. Há então uma tentativa clara de fixar no Douro a fronteira definitiva do norte do *Garb al-Ándalus*, sendo reforçado o poderio militar muçulmano através da construção de “*ribats*”. Paralelamente foi reforçado também o poderio administrativo sendo decretado o fim da autonomia destes territórios e colocado (pelo menos) um governador árabe em Coimbra e, talvez, um outro em *Lamego*. ⁷

Distinguiam-se estas construções das outras fortalezas pela presença de

⁴ Ver, Anexos - Fotografia da Arribada, Boassas, pág. 42

⁵ Ver: PICARD, Christophe - “*Les Ribats au Portugal à l’époque musulmane: sources et définitions*”, in “*Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb*”, pág. 207

⁶ Ver: PICARD, Christophe - “*Les Ribats au Portugal à l’époque musulmane: sources et définitions*”, in “*Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb*”, pág. 204

⁷ Ver: PICARD, Christophe - *Le Portugal musulman (VIII.e – XIII.e siècle)*, pág. 111

“*marabutos*”, defensores da fé islâmica (geralmente voluntários) que, realizando o dever de praticar a *jihād*, por um período prolongado, de alguns meses geralmente, aí se estabeleciam praticando a oração, o recolhimento e a guerra, para a defesa do *dār al-islam*.⁸

A análise de uma fotografia ampliada da zona denominada *Arribada*, da aldeia de *Boassas*, revela a existência de uma estrutura que poderá ser a fortificação que deu o nome ao local. Podemos ver, numa zona de difícil acesso, um edifício que parece ter sido ampliado, mas cuja configuração inicial se assemelha a uma torre de planta quadrangular⁹. A sua localização e o envolvimento entretanto verificado pelas construções adjacentes, fazem com que, no local, esta estrutura passe despercebida.

Será necessário, contudo, uma cuidada análise ao local e talvez algumas prospecções arqueológicas, para determinar da antiguidade deste edifício e do seu uso.

Para o controle das fronteiras e dos locais de passagem destas, eram muitas vezes usados outros locais, que funcionando de forma complementar como fortificações, quer como postos de vigia, eram adaptados quantas vezes de estruturas pré-existentes ou de afloramentos rochosos naturais e designados, estes últimos, por *Penas* ou *Penhas*.

Próximo de *Boassas*, o maciço rochoso denominado *Lapa da Chã* (note-se que *lapa* é sinónimo de *pena* ou *penha*), parece ser um destes casos. Todas as evidências para isso apontam. O local é uma autêntica escarpa, quase a pique sobre o rio *Douro*, constituindo uma autêntica fortaleza natural, sendo também esplêndido para a observação do rio numa grande extensão, precisamente até às proximidades de *Lamego* e donde se pode observar ainda o topo da *Serra de Montemuro*.¹⁰

São detectáveis nas imediações indícios da presença humana, alguns socalcos, concavidades escavadas nos topos das rochas e até um trecho de uma calçada, aparentemente sem uso à séculos e que poderá ter sido em tempos o caminho de ligação entre a aldeia e este posto de vigia.¹¹

A própria elevação onde este maciço se insere, designa-se, sintomaticamente, “*Monte do Facho*”, topónimo que, provém do facto de, nesse local, se estabelecerem

⁸ Ver: PICARD, Christophe - *Le Portugal musulman (VIII.e - XIII.e siècle)*, pág. 118

⁹ Ver Anexos - Fotografia da *Arribada*, *Boassas*, págs. 42 e 43

¹⁰ Ver Anexos - Fotografia da *Lapa da Chã*, págs. 49 e 50

¹¹ Ver Anexos - Fotografia aérea de *Boassas* e zona limítrofe, pág. 47

fachos, ou archotes, com os quais se faziam sinais luminosos e se transmitiam mensagens a longa distância ¹².

Este termo, “facho” ou “faro”, aparece como sendo o substituto do topónimo de origem árabe *Atalaia*, tão frequente no sul do território, mas que não logrou implantar-se nas regiões do norte que mantiveram as designações mais antigas. ¹³

Será de salientar que muitos destes núcleos e fortificações, aos quais acorriam constantemente os voluntários muçulmanos para aí exercer o seu dever de *jihād*, geralmente por um período de alguns meses, acabariam depois, muito provavelmente, por dar origem a pequenos povoados, como parece ser o caso de Boassas. ¹⁴

¹² PINHO, Augusto de - “O Monte do Facho, em Oliveira, Cinfães”, *Jornal Miradouro* de 18/10/1986, ver neste capítulo, 4. A Toponímia - *O Monte do Facho e a Lapa da Chã*, págs.108/109

¹³ Ver: LOSA, António - *A dominação árabe e a toponímia a norte do Douro*, pág. 27, págs. 1 e 8

¹⁴ Ver: PICARD, Christophe - *Le Portugal musulman (VIII.e - XIII.e siècle)*, pág. 178

2. Vestígios arqueológicos e arquitectónicos

1. Muralha, castelo e cisterna de Lamego
2. Igreja de Santa Maria de Almacave
3. Igreja de S. Martinho de Mouros
4. A Ermida do Paiva
5. Igreja de Barrô
6. Sé de Lamego
7. Capela moçárabe de S. Pedro de Balsemão
8. Cárquere - Oratório, mesquita ou castelo?
9. Igreja de S. Pedro das Águias
10. Igreja de Tarouquela
11. Igreja de S. Cristóvão de Nogueira
12. Igreja de Sernancelhe
13. Igreja da Ermida (Oliveira do Douro)
14. Castelo de Penedono
15. Castelo de Numão
16. Castro do Morro da Mogueira
17. Castro das Portas de Montemuro
18. Casa do Cubo em Boassas
19. Túmulo moçárabe de Cinfães
20. Azulejos mudéjares de Escamarão
21. A “Cuba” de Miomães
22. A Torre da Lagariça
23. A Torre de Chã
24. Os lagares mouros

Lamego parece ser a zona do Douro, e mesmo de toda a região norte, onde mais se faz sentir a presença muçulmana e o rio *Douro* irá ser mesmo, durante um largo período de tempo de cerca de quatro séculos, a linha de fronteira melhor definida entre os reinos muçulmanos e cristãos de todo o *al-Ándalus*.

“Para o sul e sueste o Douro formava a linha mais ordinaria das sempre vacilantes fronteiras entre christãos e mussulmanos. (...) Cançados de tão dilatadas guerras, e de tantas devastações mutuas, godos e sarracenos tractaram sériamente da

paz, que a final foi jurada entre o émir de Cordova e Afonso III, e durou por todo o resto do reinado deste príncipe, isto é, por todo o largo período de vinte sete annos. Os limites dos territórios christãos fixaram-se definitivamente ao sul e sueste pelo Douro...”¹⁵

O rio *Douro* irá mesmo servir, a determinada altura, como veículo por onde seguem as tropas muçulmanas na conquista do território.

“Era em destruir Compostella, correndo a Galliza do sul ao norte, que o hadjeb (Al-Mansur) puzera a mira. (...) Em quanto elle atravessava o território das modernas províncias da Extremadura castelhana, Salamanca, e Beira alta, onde os seus aliados christãos se lhe vieram unir, uma frota sahida de Alcacer (Al-Kassr-Abu-Danes) ia aportar na foz do Douro, e desembarcar junto ao Porto (Bortkal, Portucale) mais tropas e apetrechos de guerra.

*(...) “Entretanto os sarracenos avançavam seguindo a corrente do Douro para o nascente, assolando tudo na sua passagem.”*¹⁶

Após muitas lutas e uma resistência persistente, *Lamego* seria finalmente tomada por *Fernando Magno* em 1057, após cerca de quatrocentos anos de domínio muçulmano. Já posteriormente a sua vocação como local de passagem é ainda acentuada pelo seguinte facto histórico: *“Affonso Henriques (...) seguido das suas cohortes, desceu das margens do Lima, veiu passar o Douro junto de Lamego, e marchou para Trancoso.”*¹⁷

Desta presença, em tão grande espaço de tempo, teriam forçosamente que ficar no território marcas culturais e civilizacionais. Se a civilização árabe tem o seu auge no *al-Andalus* e se a arquitectura é a sua forma de expressão por excelência, seria impossível que em tão grande espaço de tempo nada se houvesse consumado.

Com as deficiências existentes em termos de investigação e de estudo, sobretudo ao nível da arqueologia, tentamos ainda assim identificar esses vestígios da forma mais exhaustiva possível, guiados por vezes apenas pela intuição e por algum conhecimento que existe da região.

1. Castelo, muralhas e cisterna

Lamego, instituída em sede de valiato após o domínio muçulmano, veio a constituir parte importante, senão mesmo o centro, de uma linha de defesa definida por

¹⁵ HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, vol. 1, pág. 137 e 138

¹⁶ HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, vol. 1, pág. 154 e 156

¹⁷ HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, vol. 1, pág. 335

uma série de fortificações estabelecidas ao longo do *Douro*, em que as mais imponentes seriam: “(...) *Feira, Vila Nova de Gaia, Cinfães, Cárquere, Numão e Penedono* (...)”¹⁸, as quais pretendiam salvaguardar a defesa do território muçulmano, contra os assaltos dos cristãos, localizados nas terras do norte.

O destino da cidade de *Lamego* acaba por andar de alguma forma ligado ao de *Viseu*, vindo a ser conquistada, como referimos, pelas tropas cristãs conduzidas por *Fernando Magno*, em 29 de Novembro de 1057, sendo *Viseu* tomada no ano seguinte.

A fortificação de *Lamego*, embora tenha sido consecutivamente destruída e reconstruída, fruto das muitas batalhas ali travadas, ainda hoje apresenta notáveis vestígios de construção da época árabe.

Na zona da alcáçova podemos ver como a muralha apresenta, na sua base, um tipo de aparelho diferente do restante, escalonado e algo mais rude do que o das camadas superiores. *Cláudio Torres* compara a tipologia construtiva da muralha de *Lamego* com as de *Trancoso* e *Idanha a Velha*, datando-a do séc. IX/X e referindo-a mesmo como exemplo da técnica construtiva utilizada pelos árabes: «*As muralhas muçulmanas eram, num período inicial constituídas por um certo arcaísmo, utilizavam silhares reaproveitados e procuravam uma semelhança com a monumentalidade do aparelho romano e é visível em algumas fortificações ao longo do Douro, entre as quais as do castelo de Lamego.*»¹⁹

Lamego, tal como *Viseu*, possuía uma linha de cintura de defesa, com a sua respectiva torre de menagem, embora de área relativamente pequena, o que nitidamente é imposto pelas próprias características do local.

Será de referir que *Lamego* mantém a presença de bispo mesmo durante o domínio muçulmano, pelo que teria, logicamente, para além da sua igreja episcopal, uma importante comunidade moçárabe. Assim, a igreja episcopal não poderia pois, pelas suas dimensões localizar-se na exígua zona da alcáçova, pelo que esta dever-se-ia localizar extra-muros, provavelmente no local onde se ergue hoje a igreja episcopal de *Almacave* com a sua torre acastelada.

Os vestígios arqueológicos da época árabe, em termos de fortificação, que podemos encontrar em *Lamego* são pois, essencialmente, os restos da muralha na antiga alcáçova, hoje bairro e freguesia de *Almacave* (topónimo que indicia a preexistência de um cemitério muçulmano - *al-macab*, «recinto dos mortos, ou campo santo»).

¹⁸ CAMPOS, José A. Correia de - *Arqueologia árabe em Portugal*, pág. 66/67

¹⁹ TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago - *O legado islâmico em Portugal*, págs. 39 e 60

Contudo também a própria cisterna do castelo de Lamego, para além de muito bem conservada e de manter características notáveis e deveras peculiares, aparenta ser de origem árabe ou mourisca. Apresenta-se profusamente siglada, tal como algumas outras obras da mesma época, nomeadamente: a própria torre da sé de Lamego; a Ermida do Paiva; a igreja de Barcos; a igreja de Armamar; etc.²⁰

2. Igreja de Almacave

A igreja de Almacave parece ter sido, desde há muito, a igreja episcopal de Lamego. Aparentemente o facto da muralha primitiva, que cingia a alcáçova, ser de reduzidas dimensões, terá levado, como vimos, a que a igreja episcopal fosse construída fora das mesmas.

Apesar de não ser um monumento de época árabe, apresenta contudo alguns vestígios da presença e influência islâmica. Os próprios capitéis do portal principal são árabes ou de tradição árabe.

Embora seja um monumento românico bastante antigo, provavelmente do século XII, «(...) não tem nas suas portadas arcos semicirculares ou de meio ponto e todos os que possui são construídos segundo a técnica oriental, embora a primeira arcatura da sua portada o não pareça, por defeito de construção.

Desconhece-se a data em que foi erguida, parecendo contemporânea da torre sineira da actual catedral.»²¹

O facto de na sua base ser possível facilmente identificar vestígios de uma construção anterior, em que o aparelho é escalonado e mais rude que o dos níveis superiores, semelhante ao que era concebido pelos árabes, conjugado com o próprio topónimo árabe do local (Almacave), tem levado a que variados autores conjecturem sobre a possibilidade de aí se localizar a antiga mesquita da cidade²².

Talvez só a necessária prospecção arqueológica, e estudo sobre a época árabe de Lamego, que tanto tarda em chegar, prove definitivamente esta “suspeita”.

Apresenta este templo semelhanças com outras igrejas da região, sobretudo ao nível do portal principal, nomeadamente com as de S. Martinho de Mouros, Ermida do Paiva e Barrô. Ao nível da decoração revela também afinidades com a igreja de Tarouquela.

²⁰ Ver: GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 47 MONTEREY, Guido de - *Lamego, Terras ao léu*, págs. 161 a 163

²¹ CAMPOS, José A. Correia de - *Arqueologia árabe em Portugal*, págs. 67/68

²² Ver: PEDREIRINHO, José Manuel in -*Como reconhecer a arte Islâmica (dir. Mandel, Gabriele)*, pág. 64 e COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 603

3. Sé de Lamego

A Sé de Lamego ostenta na sua torre sineira, a qual parece ser o elemento mais antigo de toda a construção e a única reminiscência de época românica, alguns vestígios de arquitectura islâmica ou oriental. Sabendo que o local foi um arrabalde (do árabe *ar-rabad*) da cidade, onde se implantou uma significativa comunidade moçárabe, tal não deverá provocar grande admiração.

A fresta com adornos trilobados que se apresenta no alçado sul, na frontaria principal, a cerca de cinco metros do solo revela nítida influência oriental. Nesta construção podemos ainda observar outros elementos de tradição árabe ou de influência oriental, como as ameias dos telhados e as arcaturas das janelas, as quais apresentam «*curiosos relevos e aves de influência suevo-bizantina.*»²³

Apresenta-se profusamente siglada, tal como outras construções da época.

4. Capela moçárabe de S. Pedro de Balsemão

A capela de Balsemão é, sem dúvida, um caso peculiar na arquitectura religiosa portuguesa, não só pela sua singela beleza e antiguidade, mas sobretudo por se tratar de um magnífico exemplar de arte moçárabe.

Apresenta nítidas semelhanças com as igrejas de *Lourosa da Serra* e *S. Frutuoso de Montélios*. O templo foi bastante alterado na primeira metade do século XVII, de forma a ser integrado na casa dos *Viscondes de Balsemão*, tendo também sofrido algumas alterações no interior. Do exterior, porém, não é possível depreender a riqueza do seu interior.

Trata-se de um pequeno templo de planta longitudinal, de três naves, separadas por arcadas de volta perfeita, sendo as colunas encimadas por capitéis coríntios.

“*No interior desta pequena igreja moçárabe são evidentes, juntamente com as influências da arte asturiana, paralelos com peças meridionais dos séculos IX e X.*”²⁴

Os elementos moçárabes preponderantes e que se podem distinguir são: o arco ultrapassado, ou de ferradura, da entrada da cabeceira e os muros laterais que o englobam, as impostas de rolos idênticas às de Lourosa e um fragmento de alfiz que contorna as arcaduras.

²³ CAMPOS, A. Correia de - *Arqueologia árabe em Portugal*, págs. 67/ 68

²⁴ TORRES, Cláudio/MACIAS, Santiago - *O legado islâmico em Portugal*, pág. 63

5. Ermida do Paiva

A *Ermida do Paiva* apresenta afinidades decorativas com as igrejas de *Tarouquela*, *Sernancelhe*, *Cárquere*, *S. Pedro das Águias* e *Balsemão*. O pórtico principal, de arco quebrado, assemelha-se, na sua estrutura, aos de *Almacave* e *S. Martinho de Mouros*, apresentando ainda o mesmo *alfiz* em xadrez. Motivo que se repete também nos pórticos laterais de *Almacave* e *Barrô*.

As esculturas dos capitéis do pórtico principal revelam semelhanças com as de *Almacave* e *S. Martinho de Mouros* e o tímpano apresenta, em alto relevo, uma cruz bizantina.

Este vetusto e singelo templo, implantado já no limite sul da *Serra de Montemuro*, em zona que precede uma impressionante vertente da serra, contém ainda um muito interessante tecto *mudéjar* ou *hispano-árabe*²⁵.

O “*visigotismo*” que alguns autores pretendem ver neste magnífico templo românico, nomeadamente nas manifestações escultóricas, não é mais, quanto a nós, que o emergir das suas características *moçárabes*, fruto de se implantar numa região onde a cultura árabe teve vasta implementação e que está até bem presente no nome da povoação que lhe fica mais próxima: *RIBAS*. Por outro lado, os mesmos autores, invariavelmente associam este templo ao de *Balsemão*, o que é evidente, mas o qual é hoje classificado como tendo evidentes características e influências *moçárabes*.

6. A igreja de S. Pedro das Águias

Esta igreja, para além de estar ligada às lendas típicas do imaginário popular local e que envolvem sempre “*os mouros*”²⁶, é também um exemplo típico da forma como a influência oriental foi transmitida à arquitectura religiosa e aos templos cristãos.

Não se sabe a data exacta da sua fundação, mas já em 1117, foi feito um prazo de confirmação ligado à fundação do convento entre os frades beneditinos e *D. Pedro Ramires* e *D. João Ramires*, padroeiros do mosteiro. Note-se que na data apontada, 1117, haviam passado apenas 50 anos sobre a tomada de *Lamego* por *Fernando Magno*, devendo ainda, nessa data, ser governador do território o “*alvazir*” moçárabe, *Conde Sesnando Davidiz*.

Os vestígios e influências orientais que se podem observar são, essencialmente: o arco triunfal de ferradura no interior; o arco de ponto subido, talvez *ajimez* da porta

²⁵ Ver: ALMEIDA, José António Ferreira de - *Tesouros artísticos de Portugal*, pág. 190/191

²⁶ Ver neste mesmo capítulo o parágrafo 3. Cultura, usos e costumes, págs. 77 a 81

lateral e a profusa decoração dos portais exteriores, com especial destaque para o grupo escultórico, de sugestão bizantina, de quatro esculturas zoomórficas, que ladeiam o pórtico principal.

O orientalismo de *S. Pedro das Águias* é tão acentuado e evidente que *Reynaldo dos Santos* colocou mesmo a hipótese de terem trabalhado neste templo artistas árabes.²⁷

7. Cárquere - Oratório, mesquita ou castelo?

Ao visitar o conjunto arquitectónico acastelado que engloba a igreja de Santa Maria de Cárquere notei, na capela românica adjacente, dos Condes de Resende, uma singular janela com nítidas influências orientais e com parecenças com outras existentes em Tarouquela e S. Pedro das águias. Contudo, só após a descoberta providencial dos alfarrábios de Correia de Campos e após nova visita ao local, foi possível descortinar um pouco o segredo envolto naquele misterioso conjunto.

O referido autor chama-nos a atenção para «(...) *as duas extraordinárias e desconcertantes janelas de arcaria do altar-mor (...)*», salientando a desarmonia estilística existente entre o conjunto formado por estas e pelo altar-mor, com o resto da igreja românica e acabando por referir ainda que, «*poder-se-ia dar a hipótese de a capela-mor ter sido destruída e substituída por esta edificação. A hipótese porém é de rejeitar por haver na mesma edificação estranhas mísulas e um fecho de abóbada de estilização diferente do corpo da igreja. Daí concluímos ser esta pequena edificação anterior à igreja românica. A confirmar a nossa conjectura, observámos num dos lados uma estreita janela, que fora aberta para iluminação, quando o oratório estava isolado, antes de se erguer a igreja românica, sendo depois a referida janela tapada ao alargar-se o templo. Também notámos, surpreendidos, que os modilhões, já empregados pelos árabes, mas considerados ainda pelos nossos críticos de arte como românicos tivessem sido apostos na pequena edificação, aliás indevidamente classificada de gótica!*»²⁸

Será de referir que uma dessas janelas, que refere Correia de Campos, era anteriormente uma porta, como tivemos oportunidade de observar no local²⁹, o que vem corroborar a sua tese de que esta parte da igreja é anterior e não posterior ao resto da edificação, pois não faria sentido a existência de uma porta na ábside a dar directamente para o altar-mor.

²⁷ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 607

²⁸ CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 109 a 112

²⁹ Ver anexos, fotografia da janela da ábside de Cárquere, pág. 7

Correia de Campos deduz assim uma evolução a partir de um pequeno *morábito* ou *oratório muçulmano* para uma mesquita e posteriormente igreja cristã, o que não será de estranhar e sucedeu, como hoje se sabe, em outros locais. Não seria, na realidade, despropositado, ou descabido de sentido, fazer uma reavaliação, através de novos estudos e escavações arqueológicas no local, desta parte da igreja românica de Cárquere. A própria ideia de que a capela-mor será do período gótico, essencialmente devido à existência da abóbada de nervuras, arcos de ogiva e colunas com capitéis é difícil de conceber, uma vez que, se assim fosse se apresentariam manifestamente injustificados em termos das opções construtivas ali encontradas.

Por outro lado, atendendo a que a abóbada de nervuras existente era já bem conhecida dos alarifes árabes, assim como o arco de ogiva e as colunas com capitéis, como o demonstram os mais variados monumentos da arquitectura islâmica, não nos causa espécie admitir uma construção de época árabe com estas características naquele local, sabendo ainda que Cárquere chegou também a ser referido pelos autores árabes da época como uma fortaleza, a qual se encontra associada a nomes como *al-Surunbāqi* e *Ibn Marwân “al-Jilīqi”*.

Ibn Marwân e Cárquere

Cárquere foi pois, notavelmente, um importante reduto e centro de defesa muçulmano. Há referências várias em autores árabes ao local a que chamavam *Karkar*. Hoje, também o facto de haver na Síria uma povoação com este mesmo nome não nos parece mera casualidade³⁰.

Este local está também associado aos dois nomes históricos da dissidência muçulmana já referidos - Ibn Marwân e Sa'dun ibn Fath al-Surunbāqi a quem o rei D. Afonso III entregou a fortaleza de *Carcar*, junto ao Douro.³¹

Correia de Campos refere um artigo publicado pelo historiador e arabista Dr. Francisco José Velozo na revista *O Islão* (Agosto 1969, n.º 5) intitulado: *Um Muçulmano Precursor da Independência Portuguesa: Bem Marvão, o Galego* e que refere o seguinte: «*Este irrequieto muçulmano, em 868, à frente de conversos e cristãos, revolta-se em Mérida, a antiga capital da Lusitânia, contra o Emir ou Sultão Mafamede I. Em heróica resistência consegue favorável capitulação, alcançando mesmo que se*

³⁰ Ver: ROBIN, Christian Julien - "As Tribos da Arábia Deserta", Revista «História», n.º especial "Para Compreender o Islão", pág. 20

³¹ Ver: PICARD, Christophe - *Le Portugal Musulman (VIII.e – XIII.e siècle) L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, pág. 122

lhe entregue o lugarejo de Caria, de nome Bataliôce, a moderna Badajoz, que procura fortificar.

Sabendo que antes de completar as obras de defesa do seu lugarejo ia ser atacado por Háxim, para o reduzir à obediência, retira-se, dirigindo-se com os seus partidários para “os espaços vazios que separavam as populações muçulmanas e cristãs”, como refere Benalcotia. O lugar escolhido foi o castelo de Cárcer ou Cárquer. Diz o historiador Francisco José Velozo: “Não nos atrevemos a identificá-lo com Santa Maria de Cárquere, não longe de Lamego, mas não seria absurdo, nestas condições. O Galego não poderia levar as suas forças para o sul, a meter-se na boca do lobo, como alguns sugerem... Dali envia Sádum Arromarri, também converso (note o segundo nome), apoderar-se de Mons Salutis, na antiga Lusitânia. A seu pedido, Afonso III, o Magno, Rei de Leão, mandou-lhe tropas, que ele junta às suas hostes”. Vence por fim Háxim, que aprisiona, mas que tratou benignamente, não obstante, quando depois de vencido, em Córdova, este o ter mandado esbofetear e insultar.

Depois de ter fortificado convenientemente Badajoz, instala-se nesta praça de guerra com a sua corte, daí governando todo o território lusitano a sul do reino da Galiza. Triunfante, morreu em glória, dando início a uma nova dinastia, que só terminou em 930. O seu nome completo era Abderramão bem Marvão Beniunus, o Galego.

Protegido por Afonso III, de Leão, e tendo-se instalado no castelo de Cárquere, certamente teria lá ampliado o pequeno morábito, transformando-o em mesquita. E seria esse material que, em parte, foi aproveitado, como dissemos, quando foi feita a igreja românica de Santa Maria de Cárquere. Harmoniza-se assim o que tínhamos deduzido na classificação do material observado, com os textos históricos.»³²

Ibn Marwân (‘Abd al Rahmân Ibn Marwân ibn Yūnus) apelidado pelos historiadores árabes de Ibn al-Djillīqui («o filho do Galego»), porque originário de uma família do norte de Portugal que se havia instalado em Mérida, era pois um *muladi*, ou convertido ao Islão, que se revoltou contra o poder do Emir Mohammed I e tendo de fugir para o norte, obtém protecção por parte do rei de Leão, D. Afonso III e refugia-se no castelo de Cárcar.³³

A povoação de *Marvão*, que identificamos nas proximidades da Régua, junto a S. Leonardo da Galafura, onde existe também um cemitério árabe, acaba por reforçar

³² CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 111 a 112

³³ Ver, SIMONET, Francisco Javier - *Historia de los Mozarabes de España*, Tomo III, pág. 509 e LÉVI-PROVENÇAL - *Histoire de l’Espagne Musulmane*, vol. I, págs. 295 a 298

esta ideia e dar ainda mais evidência a todos estes factos. Em Cinfães (Nespereira) existe também uma outra povoação com este mesmo topónimo.

8. Igreja de S. Martinho de Mouros

A visita, fortemente aconselhada, a este impressionante monumento, dificilmente deixará alguém indiferente. Não fossem alguns, poucos, elementos de simbologia religiosa e pensaríamos estar em presença de uma construção militar.

Aparentemente, este carácter fortificado do templo deve-se, segundo Gonçalves da Costa, à «*necessidade das populações neo-godas ou cristãs se defenderem contra os ataques dos muçulmanos refugiados nas vizinhanças após a reconquista.*»³⁴

Tal afirmação, talvez não seja destituída de sentido, embora nos pareça que o carácter fortificado possa ser já uma herança de uma construção anterior, pois, à semelhança do que se passa em outros monumentos, tais como Almacave, Castro da Mogueira ou a muralha de Lamego, também aqui é possível observar o método construtivo típico árabe, nomeadamente um embasamento em pedra de carácter mais rude e aparelhado de forma escalonada.

O mesmo autor acaba por também chegar a essa conclusão, referindo que «*talvez primitivamente consistisse num alcácer mourisco do alto do qual os vigias dominavam as veredas de Montemuro, prontos a dar rebate em caso de perigo e a chamar a gente para defesa da povoação.*»³⁵

Pinho Leal refere que no arco cruzeiro da igreja é possível observar a data de 707, mas que “*é tradição firme que remonta à ocupação dos mouros, e que fora obra deles, como muitos outros templos da península*”³⁶. Esta data porém, caso exista, o que não conseguimos apurar, não se poderá referir a construção islâmica, tal como é mencionado por Gonçalves da Costa pois, como é sabido, a “invasão” muçulmana só se dá a partir de 711.

A igreja de S. Martinho de Mouros apresenta semelhanças, nomeadamente quanto ao pórtico principal, com a Igreja de Almacave em Lamego, Ermida do Paiva em Castro Daire e ainda Barrô em Resende.³⁷

³⁴ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 608

³⁵ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 608

³⁶ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 5, pág. 240/241

³⁷ Ver: www.monumentos.pt (DGEMN)

9. Igreja de Barrô

Esta belíssima igreja, de um românico tardio, (século XIII), foi classificada como Monumento Nacional em 1922. A torre sineira, nitidamente desfasada, é obra muito posterior, datada do século XVII.

O corpo principal da igreja detém um pórtico lateral, de arco apontado, decorado com um *alfiz* em xadrez, assente em impostas de tímpano cego, bastante parecido com os pórticos principais das igrejas de Almacave; S. Martinho de Mouros e Ermida do Paiva. Tal facto deve resultar da influência e proximidade desses templos bem mais antigos.

É ainda de notar o facto de apresentar também afinidades com as igrejas de Escamarão, S. Cristóvão de Nogueira e Tarouquela (Cinfães) ³⁸.

10. Igreja de Tarouquela

A Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela, em Cinfães, é monumento nacional classificado desde Março de 1945. Trata-se de uma notável construção, indubitavelmente de época românica, mas que apresenta vestígios de aproveitamento de outras construções, que foi sofrendo alterações consecutivas e restauros múltiplos ao longo dos tempos.

Também nesta edificação podemos encontrar a marca dos *alarifes* árabes, ou dos seus ensinamentos.

Assim, a sacristia aparenta ser construção muito antiga e rudimentar. Acentua esta ideia o seu próprio portal que dá para a frente sul, a qual possui um outro portal. Este facto invulgar, só será explicável se considerarmos que um dos portais já existiria anteriormente. A portada mais antiga parece ser a que não tem colunas e deverá ser material de aproveitamento.

Os modilhões exteriores desta edificação transformada em sacristia, são diferentes dos do resto da igreja e assemelham-se aos utilizados em monumentos de época árabe e que acabaram por ser utilizados também em muitas construções portuguesas posteriores.

Existem ainda duas janelas geminadas, em ogiva, construídas segundo a técnica árabe, cujo carácter vetusto e arcaico apenas ajuda a acentuar a noção de que não pode, de forma alguma, esta parte da edificação ser posterior ao corpo da igreja, mas sim o

³⁸ Ver: www.monumentos.pt (DGEMN) e DIONÍSIO, Sant' Anna - *Guia de Portugal*, V volume, pág. 712

contrário ³⁹. Este mesmo tipo de fenestração, por outro lado, aparece também em algumas edificações de época árabe nos territórios do sul de Portugal.

Também no interior é possível identificar alguns elementos dissonantes do resto da construção e que, segundo Correia de Campos, constituirão material de aproveitamento “*suevo-bizantino, de arte popular*”. Poderemos ainda, no interior da igreja, profusamente decorada, detectar outros elementos, nomeadamente de tradição árabe, como as arcarias cegas e capitéis de duplo colarinho. A existência deste profuso material de aproveitamento sugere com relevo e evidência a possibilidade da existência anterior de um outro templo.⁴⁰

Para além do apontado, notamos ainda semelhanças evidentes entre a decoração das janelas e portais desta igreja com as de S. Pedro das Águias e Cárquere. Apresenta ainda semelhanças com as mencionadas igrejas de Balsemão, Ermida do Paiva, Barrô e Sernancelhe.⁴¹

11. Igreja de S. Cristóvão de Nogueira

Bastaria o facto de esta igreja apresentar semelhanças com a de Tarouquela para se justificar aqui a sua inclusão. A comparação com Santa Maria Maior de Tarouquela acaba também por relacionar esta igreja directamente com outras do mesmo período.

Infelizmente, trata-se de um templo que sofreu muitas alterações ao longo do tempo. Mantém, contudo, à semelhança das outras edificações da mesma época analisadas, alguns indícios de aproveitamento de material anterior, nomeadamente no centro exterior da cabeceira, onde é possível observar vestígios de um arco.

Os arcos existentes são de ogiva, geralmente descritos como “apontados” e apresentam fecho de arco à oriental. Também a decoração apresenta semelhanças com outros templos da época. A ornamentação com esferas que debrua o pórtico principal assemelha-se à utilizada na Igreja de Escamarão. Todas estas semelhanças dever-se-ão, neste caso, a influências de construções congéneres, o que não será de estranhar atendendo à proximidade com as mesmas e à profusão de elementos árabes e orientais existentes na região.

A este templo encontra-se associada, também, mais uma lenda de “mouros”. Assim, diz a população autóctone que os “mouros”, que vêm como gigantes de força

³⁹ Ver CAMPOS, José A. Correia de - *Arqueologia árabe em Portugal*, págs. 57 e 58

⁴⁰ Ver CAMPOS, José A. Correia de - *Arqueologia árabe em Portugal*, pág. 58

⁴¹ www.monumentos.pt (DGEMN) e COSTA, M. G. da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. IV, pág. 602

sobre-humana, transplantaram, em uma só noite, esta igreja, desde os designados “*campos de Nogueira*” para a sua localização actual.

12. Igreja de Sernancelhe

A singela Igreja matriz de Sernancelhe não esconde as suas raízes populares e aparenta uma mui vetusta fundação. Terá sido reconstruída em 1124 pelos senhores donatários que nessa época atribuíram foral à vila.

O facto de se fazer menção a uma “reconstrução” pressupõe, obviamente, uma pré-existência. De facto, atendendo à existência integrante de elementos decorativos pré-românicos, não nos causa espécie alguma admitir estar em presença de mais uma igreja onde intervieram *alarifes* árabes, ou mesmo reparada nos fins do século X pelos prisioneiros muçulmanos, como terá sucedido noutras igrejas da região.

Gonçalves da Costa refere a possibilidade de poder tratar-se de um templo de época sueva, chamando a atenção para “*a pia de água benta aberta num capitel visigótico, os drapejamentos num troço de escultura, as tampas de sepulturas ornadas de cruces suévicas, as insculpturas no friso do cruzeiro em forma de serra ou espinha de peixe*”⁴².

Este autor coloca ainda este monumento no mesmo grupo da igreja moçárabe de Balsemão.

13. Igreja da Ermida (Oliveira do Douro)

A Igreja da Ermida é um pequeno templo hoje praticamente desconhecido. Foi a igreja paroquial da freguesia de Oliveira do Douro, Cinfães, até inícios do século XX. Há alguns anos atrás, aquando da elaboração do Plano Director Municipal de Cinfães, pedimos a sua classificação como património municipal, depois do choque de uma primeira visita, em que na sacristia, transformada em pocilga, habitava o respectivo inquilino. A chuva infiltrava-se sob o telhado degradado, fazendo sair a cal das paredes, revelando os frescos há tanto tempo escondidos. A vandalização era bem visível, nas lápides partidas e no chão revolvido. O pedido de classificação foi aceite, mas os resultados...nulos.

Hoje a degradação aumentou... e a ruína é eminente.

Embora não exista praticamente documentação sobre este edifício, trata-se de um templo muito antigo, cuja ábside, seguramente de época românica inicial, apresenta

⁴² COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 611

uma muito bela janela. Trata-se, na realidade, de uma fresta ladeada por duas colunas, encimadas por capitéis de rude decoração, aparentemente zoomórfica. O capitel do lado direito não se apresenta identificável, enquanto o do lado esquerdo aparenta ser figura de animal selvagem, talvez um leão.

O arco apresenta um *alfiz* de formas geometrizes idêntico ao do portal de S. Pedro das Águias.

A circundar a ábside, e logo abaixo da altura da janela, existe um friso decorado também com formas geométricas, a lembrar alguns motivos visigóticos.

14. Castelo de Penedono

Este singular castelo, de magnífica beleza e imponência, cuja existência no século X se encontra documentada, sendo referido num testamento datado de 11 de Junho de 960⁴³, parece ser um dos mais importantes e bem conservados da época árabe, existentes ao longo do Douro.

A construção das suas muralhas, de forma claramente diferente da geralmente usada em outras construções do género em toda a região, evidencia o método de construção árabe, em que fiadas de pedra miúda se sobrepõem a outras maiores, ligadas por uma argamassa especial e assim sucessivamente, tal como se podem encontrar nas fortificações árabes de Salé e nas muralhas de Rabat, em Marrocos, por exemplo.⁴⁴

Este castelo haveria ainda de mudar novamente de mãos, passando novamente para o domínio árabe com as incursões de Almançor e só após 1055, data em que Fernando Magno atravessa o Douro na região de Zamora e entra na província da Beira, é que este passa definitivamente para o domínio cristão.

15. Castelo de Numão

Este imponente castelo (classificado como monumento nacional em 1910), que era aliás um burgo fortificado, localizado a cerca de 700 m de altitude, na margem sul do Douro, encontra-se já referido no ano de 960, no testamento de D. Flâmula Rodrigues e terá sido arrasado pelos irmãos Tedon e Rausendo Ramires, nas suas incursões guerreiras contra os dominadores muçulmanos.

Na encosta Este, junto à designada porta de S. Pedro e onde existiu uma capela com o mesmo nome existem dez sepulturas antropomórficas escavadas na rocha. Este

⁴³ GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 69 e CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 69 e 70

⁴⁴ Ver Anexos, fotografia do castelo de Penedono, pág. 55

local é designado usualmente pela população local como sendo o “cemitério dos mouros”. Existe uma outra porta, designada “do sol” e cujo caminho que lhe dá acesso é designado pela população como sendo a “calçada romana”. O recinto possui no centro uma cisterna circular, sem cobertura. A designada “torre da vaca”, localizada a Oeste, possui embasamento escalonado, tal como os árabes construíaam as suas fortificações, tal como se pode ver em S. Martinho de Mouros e Lamego.

Os vestígios parecem, assim, apontar várias épocas de ocupação, desde a civilização castreja, passando pelos romanos e pelos árabes, até ao período românico ⁴⁵.

Esta fortificação fazia parte, sem dúvida, da linha de defesa fronteiriça estabelecida ao longo do Douro, reforçada e ampliada no período árabe e dispunha de uma *atalaia* donde, graças à sua posição elevada, eram enviados avisos para as outras fortificações circundantes: Numão, Penedono, etc. ⁴⁶

16. Castro do Morro da Mogueira

As referências à época do domínio muçulmano, em S. Martinho de Mouros, não se ficam apenas pelo nome e pela toponímia. No local, mais exactamente no designado “Castro do Morro da Mogueira”, estação arqueológica classificada como Imóvel de Interesse Público em 25 de Junho de 1984, “*onde em 1891, Leite de Vasconcelos identificou «uma estação luso-romana» e parecem ser os vestígios de um castro romanizado*” ⁴⁷, foram identificadas ruínas de “*uma muralha em pedra com um aparelho de blocos bem organizados*” ⁴⁸ do período árabe.

Localizando-se na margem esquerda do Douro, no cimo de uma imponente escarpa granítica que se eleva aos 450 metros, quase totalmente rodeada por duas linhas de água e de muito difícil acesso, na proximidade de importantes locais de passagem, nomeadamente do que se localiza a montante de Porto de Rei, muito próximo de Mogueira e que “*corresponde provavelmente ao traiectus de um ramal da estrada Mérida-Braga*” ⁴⁹, a qual ligava a Córdova e Sevilha ⁵⁰, era, sem dúvida, o local propício para o estabelecimento das forças árabes, na delimitação e controlo da linha de defesa formada pelo Douro, da mesma forma que o havia sido anteriormente para os romanos.

⁴⁵ Ver: CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 49 a 52

⁴⁶ Ver: DIONÍSIO, Sant’ Anna - *Guia de Portugal*, volume V, págs. 793 a 797

⁴⁷ MANTAS, Vasco Gil - *A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana de Mogueira (Resende)*, in “Revista de Guimarães”, volume XCIV, pág. 362

⁴⁸ TORRES, Cláudio/MACIAS, Santiago - *O legado islâmico em Portugal*, pág. 61

⁴⁹ MANTAS, Vasco Gil - *A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana de Mogueira (Resende)*, in “Revista de Guimarães”, volume XCIV, pág. 370

⁵⁰ Ver Anexos: Mapa das Vias de Comunicação, pág. 67

É também referida a existência no local de um provável “*cemitério mourisco e um rochedo côncavo, com sinais de uma azenha ou pisão de moer sementes*”⁵¹, bem como a probabilidade de se tratar de um castro, ocupado posteriormente por romanos e mouros.

Na base deste morro, do lado nascente, existe uma furna de grandes dimensões a que o povo chama “Buraca da Moira” e que dizem ser um túnel por onde os mouros levavam os cavalos a beber ao rio mas que, tudo leva a crer, será porém uma saída alternativa ou uma cisterna.

17. Castro das “Portas de Montemuro”

O designado castro das Portas de Montemuro (I. I. P., Decreto n.º 735/74 de 21-12), povoado fortificado datado da Idade do Ferro, parece integrar, conjuntamente com outros povoados fortificados da região, parte de uma linha de defesa da própria Serra de Montemuro, durante o período do domínio árabe.

Arnaldo Rocha⁵², defende mesmo a sua origem entre os séculos VIII e X, o que, porém, não nos parece provável. Antes nos parece mais aceitável que tenha existido um aproveitamento, por parte dos povos árabes/islâmicos, de uma estrutura pré-existente, tal como era usual e fizeram noutros locais da região como, por exemplo, no anteriormente referido Castro da Mogueira, em S. Martinho de Mouros.

A presença de variados topónimos na região montemurana, à qual anda associada a memória da população local de renhidas batalhas entre “*mouros e cristãos*”, ajuda a sedimentar esta ideia, da existência de fortificações que ajudassem a defender e controlar o território.

De facto, nas gentes do Montemuro, ficou bem gravada a memória de ferozes e renhidas batalhas, travadas no planalto montemurano, entre mouros e cristãos (entre os “nossos e os mouros”, como dizem). Os locais das lutas, geralmente referidos, são “O Campo de S. Pedro”, “O Perneval” e a “Lagoa de D. João”.

Assim, não nos custa a crer que outros castros da região, como o de Aldeia (ou das Corôas) em Ferreiros de Tendais; o de Sampaio, próximo de Cinfães e o de Tendais; bem como as Torres de Chã e da Lagariça, possam ter feito parte de todo este sistema defensivo e de vigia.

⁵¹ DUARTE, Joaquim - *S. Martinho de Mouros*

⁵² ROCHA, Arnaldo - *A muralha das Portas, algumas considerações para uma leitura diferente*, in “Terras de Serpa Pinto n.º 2”, págs. 31 a 43

18. A Casa do Cubo - Boassas (Cinfães)

Estranhamente, e apesar da sua grande antiguidade, a aldeia de Boassas não tem um templo religioso de época remota. A sua capela, tendo em conta os vestígios antigos da povoação, que remetem para épocas anteriores à fundação da nacionalidade, é recente - data de 1710. A própria capela particular da Casa do Cubo, é mais antiga, deverá datar de inícios do século XVII, pois tem no seu interior um túmulo datado de 1650. Salientamos, contudo, o facto de que, esta capela, ao contrário do que é frequente nas casas senhoriais, não se encontra integrada ou adossada à referida casa, mas sim bastante afastada.

Sobre este pequeno templo refere o historiador M. Gonçalves da Costa:

*“No mesmo lugar (de Boassas) fundou o P.e Manuel Pereira a capela da Senhora do Amparo, obrigada a 24 missas por ano e 2 ofícios de 7 padres, um deles celebrado durante a Quaresma. A 10 de Junho de 1650, o cônego Clemente Gonçalves Carneiro, em sé vacante, passou licença de nela se dizer missa, depois de satisfeitos os 3.440 réis da chancelaria. Em 1726, a administração pertencia a António Barbedo.”*⁵³

Defendemos, em determinada altura, a hipótese de haver sido durante muito tempo a Casa do Cubo a capela (ou igreja) de Boassas⁵⁴. De facto muitos vestígios para isso apontam, porém, hoje, pensamos que a sua origem será ainda supostamente mais remota. Atendendo às características muito antigas da construção e de alguns dos seus motivos decorativos aparentarem ser de época românica; atendendo ainda à provável fundação árabe da aldeia, somos levados a pensar que, também aqui, poderá estar mais um elo de ligação de todos estes elementos.

Será que a construção original que veio a transformar-se naquela que é hoje a *Casa do Cubo*, poderá ter sido, inicialmente, o *ribāt* muçulmano que originou a *Arribada* e posteriormente a capela da aldeia? Talvez só uma apurada investigação e algumas escavações arqueológicas o permitam saber.

A própria designação *Casa do Cubo*, que até agora sempre nos pareceu enigmática e algo anacrónica, ganha lógica e revela algum sentido, quando analisada à luz de uma provável origem árabe do povoado. De facto, o topónimo *CUBO* poderá provir da palavra árabe *qūbba*, que designa o pequeno edifício religioso, onde se abrigavam os eremitas *sufis*, de planta quadrada e cobertura semi-esférica, também designado morábito e muito comum no Alentejo.

⁵³ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. IV, pág. 375

⁵⁴ Ver: CERVEIRA PINTO, Manuel da - *A Casa do Cubo*, in *Terras de Serpa Pinto*, n.º 6, págs. 69 a 74

Textualmente a palavra *qūbba* significa cúpula.

A explicação em voga, que remete para uma parte da edificação localizada na parte superior que detém forma cúbica e que, assim, teria dado origem ao nome da casa não é plausível uma vez que esse acrescento da casa é recente, provavelmente de inícios do século XX, finais de XIX e, já muito anteriormente, nos séculos XVII e XVIII, a casa era assim designada em documentos da época.

Será ainda de salientar que a varanda da casa do cubo constitui um dos melhores locais em Boassas para se observar o rio Douro.⁵⁵

19. O túmulo moçárabe da Igreja Matriz de Cinfães

Até ao momento apenas encontramos referências a este túmulo, existente no interior da Igreja Matriz de Cinfães, em Correia de Campos. Segundo este autor e colocando desde já as necessárias reservas, estaremos em presença do túmulo de um *“personagem cristão com indumentária árabe”*.⁵⁶

Trata-se de um túmulo aparentemente muito antigo, de uma rudeza singular, no qual a estátua jacente não apresenta feições. Estes dois factos, o não apresentar feições, à semelhança do que era frequente na representação figurativa dos artistas muçulmanos, de forma a respeitar os preceitos do Alorão e o tipo de indumentária com que o personagem se encontra representado, sugerem estarmos na presença de pessoa importante, sepultada de forma cristã, mas que terá adoptado a cultura árabe.⁵⁷

O facto de a estátua jacente não apresentar feições afigura-se intencional, uma vez que o sarcófago onde esta se encontra lavrada está assente sobre dois cachorros, que embora esculpidos também de forma rude e grosseira, apresentam as respectivas cabeças trabalhadas. Por outro lado, sabe-se que eram precisamente os personagens nobres, mais abastados e de maior posição social, que aderiam mais facilmente à cultura árabe/islâmica. [Basta ver casos como os dos próprios reis D. Afonso X “o sábio”, ou D. Diniz e, até na própria região, primeiro com os condes que se juntam a Almançor e posteriormente na forma como o comando de Lamego, após a sua conquista pelos cristãos, acaba por ficar por um largo período de tempo nas mãos de moçárabes como Echa Martim, o qual havia mesmo sido anteriormente o último *vali* mouro de Lamego e

⁵⁵ Ver Anexos - Fotografias da “Casa do Cubo”, págs. 52/53

⁵⁶ CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, pág. 112/113

⁵⁷ Ver, CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, pág. 112/113

D. Sesnando ⁵⁸ governador de Coimbra e que fora *vizir* no supremo conselho do famoso *emir* de Sevilha Ibn Abed al-Mu'tamid.]

Este sarcófago, acompanhado de um outro também muito antigo teriam vindo da anterior igreja de Santo António, instituída no ano de 1388 e entretanto demolida para dar lugar ao templo actual, parecendo porém ser bem mais antigos que esta, atendendo às suas características arcaicas e rudes, que não se coadunam de forma alguma com as estátuas jacentes de outros túmulos da mesma época.

Sem outros elementos que nos ajudem a esclarecer esta questão, resta-nos apenas concordar com Correia de Campos na aceção de que talvez “*a abertura do mausoléu desse solução ao interessante problema.*” ⁵⁹

20. Os azulejos *mudéjares* da igreja de Escamarão

A vetusta e singular Igreja de Escamarão, Imóvel de Interesse Público classificado em 1950 é referida, por vezes, como tendo afinidades com as igrejas de Barrô e Tarouquela ⁶⁰.

Referente a este templo será, sem dúvida, invulgar e digno de registo, a existência de dois painéis de azulejos (em árabe, *al-zulayj*) *hispano-árabes*, ou *mudéjares*, nos frontais dos altares da igreja românica de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão, também em Cinfães.

Este conjunto representa também mais um profundo golpe na ideia pré concebida de que a influência da arte islâmica e *mourisca* não terá chegado até aos territórios do norte de Portugal, assim como na própria noção de que o mesmo se terá verificado no entrosamento entre a arte islâmica e cristã, de facto muito mais evidente no sul do país.

Da mesma forma, provando tratarem-se de facto de azulejos *mudéjares*, ver-se-á confirmada ainda a ideia, defendida por Adalberto Alves, de que, afinal, a fabricação de azulejos também foi uma realidade no *Garb al-Ándalus*.

De qualquer modo e independentemente disso, teremos agora que concordar plenamente com o citado autor quando afirma que “*é questionável a asserção, geralmente aceite, de que não teria havido fabrico de azulejos no Garb al-Ándalus*”. ⁶¹

⁵⁸ Nota: D. Sesnando administra Lamego e o seu território a partir de 1064/1065

⁵⁹ CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 112 /113

⁶⁰ Ver: www.monumentos.pt (DGEMN)

⁶¹ ALVES, Adalberto - *A herança árabe em Portugal*, pág. 53

21. A “cuba” de Miomães

Um périplo por terras de Resende, aquando de uma das visitas ao Mosteiro de Cárquere, através de estradas recentes e menos conhecidas levou-nos à passagem por Miomães. A singularidade da edificação, adossada a um edifício de autêntica arquitectura tradicional, prendeu-nos de imediato a atenção, pois não é nada usual depreendermo-nos com uma igreja redonda e de cobertura em abóbada, nesta região.⁶²

Por momentos pensamos estar no sul, pois a construção assemelha-se a alguns oratórios, cubas ou morábitos existentes no Alentejo, como o de Galveias, o de Brotas, ou mesmo o da igreja de Santana em Peniche⁶³.

A adaptação destas estruturas a capela de casas senhoriais, ou mesmo a igrejas, foi bastante frequente, sobretudo no Alentejo e sul de Portugal e acabou também por influenciar alguns tipos de construção.

A casa terá sido edificada no século XVII, porém a capela evidencia ser pré-existente e a casa é que lhe terá sido adossada.

Será ainda de notar que os oratórios ou cubas de planta redonda são mesmo os mais raros e invulgares, o que acaba por nos fazer pensar que, mesmo que o exemplo em questão, não se trate de um monumento da época árabe, a influência da sua cultura na região teria que ser grande, para se fazer sentir de forma não só a serem adoptados modelos invulgares no norte da península como, inclusive, os genericamente menos utilizados.

22. A Torre da Lagariça

A torre da Lagariça é um impressionante monumento que, por vários motivos merece ser visitado. O seu carácter histórico vetusto e imponente, assim como a própria localização, inspiraram o romance de Eça de Queiroz intitulado “A Ilustre Casa de Ramires”. Encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1977.

Não nos deveremos enganar muito se apontarmos a sua fundação para meados ou final do século X. A edificação, circundada parcialmente por muro semi-circular, seria inicialmente uma atalaia ou torre de vigia.⁶⁴

Apresenta pequenas janelas geminadas de ogiva, de tipo oriental, embasamentos marcados e um mata-cães apoiado em mísulas.⁶⁵

⁶² Ver: Anexos. fotografia da Capela (ou morábito) de Miomães, pág. 61

⁶³ Ver CAMPOS, José A. Correia de - *Monumentos da antiguidade árabe em Portugal*, págs. 85 a 115

⁶⁴ Ver, www.monumentos.pt (DGEMN)

⁶⁵ Ver: fotografia da Torre da Lagariça, pág. 57

Aparenta ser um monumento semelhante à Torre de Chã, no extinto concelho de Ferreiros de Tendais, actual concelho de Cinfães e que foi o solar da família Pinto, senhores de Riba de Bestança e do Paço de Covelas.

23. A Torre de Chã

Esta fortificação, hoje desaparecida e da qual existem apenas alguns registos, está ligada a factos históricos relevantes de toda a região de Cinfães, nomeadamente do também extinto concelho de Ferreiros de Tendais.

Diz a lenda ter sido edificada por Giraldo Giraldes “o sem pavor”, famoso guerreiro *moçárabe* bem conhecido, cuja fama ombreia com o Cid “o campeador”. Se o facto não é confirmado pelos dados históricos, não deixa de ser curiosa a relação com a personagem, sobretudo em sabendo-se da sua ligação com os muçulmanos. Por outro lado esta torre, que é descrita e mencionada por vários autores, como por exemplo Camilo Castelo Branco no seu romance intitulado “*Maria da Fonte*”, teria uma fisionomia idêntica, como já referi, à da Torre da Lagariça e está, inclusive, relacionada com a mesma família dos Pintos. Será também de notar o epíteto desta família: “Pintos de Riba de Bestança, Senhores da Torre de Chã”.

Quanto a nós, esta designação poderá ser reveladora da própria função da torre, e os Senhores da Torre de Chã poderiam mesmo ser, pois, nada mais nada menos, que os *Pintos do “Ribāt” de Bestança*.

Curiosamente até na própria posição geográfica ambas as torres se assemelham.

Supomos que, no local, será ainda possível detectar alguns elementos deste vetusto monumento, sobretudo na chaminé da actual casa. A pequena capela adjacente e que sobreviveu à destruição, denominada de Sto. António, é bem mais recente e parece datar do século XVII, a avaliar por uma inscrição existente no retábulo interior, que diz o seguinte: “*Esta capella mandou fazer Francisco de Oliveira e Brito e sua mulher Isabel Pinto da Costa*”. 1671.”.

Nas imediações existem algumas lajes tumulares, uma delas prefigurando-se antropomórfica, que parecem indiciar a presença de uma necrópole.

O melhor registo gráfico que se conhece deste antigo monumento, entretanto desaparecido, é um desenho à pena do Dr. José Cabral Pinto de Rezende.⁶⁶

⁶⁶ Ver anexos - Desenho da Torre de Chã, pelo Dr. José Cabral Pinto de Rezende, pág. 59

24. Os lagares «mouros»

Em Boassas é notável a produção de azeite, o que é sugerido logo pelo nome da própria freguesia onde se insere - Oliveira do Douro. Toda a povoação se encontra rodeada de olivais. As outras culturas preponderantes são a vinha e os laranjais. Seria portanto mais do que natural que existissem locais onde se pudesse fabricar o azeite, o que de facto acontece. Dentro da povoação existem, pelo menos, dois lagares (aqui chamados azenhas), afastados algumas dezenas de metros. Um deles ainda funcionaria há não muito tempo, do outro, mais antigo, não existe memória do seu funcionamento. Na realidade trata-se, neste último caso, de uma construção muito antiga que sofreu ao longo do tempo muitas alterações, tendo servido de cantina, posto de correios, palheiro e arrecadação de material agrícola. Recentemente detectamos, na ombreira de uma antiga porta deste mesmo edifício, duas inscrições com a data de 1072, das quais não foi ainda possível verificar a autenticidade.⁶⁷

Ao comprovar-se esta data estaríamos, portanto, em presença de um autêntico “lagar mouro”, isto se tivermos em conta que Lamego só é tomada definitivamente pelos cristãos em 1057, e que a partir de 1064/1065 a própria administração do território irá ser feita pelo *moçárabe* D. Sesnando.

Ainda nas proximidades de Boassas foram identificados mais dois “lagares mouros”, estes abertos na rocha, um próximo do cemitério de Oliveira do Douro e outro junto à Quinta do Paço, na Chamusca, próximo da povoação de Fundoais⁶⁸.

Este último, após visita ao local, parece-nos contudo ser o aproveitamento de uma sepultura escavada na rocha, posteriormente adaptada a lagar⁶⁹.

Também no vizinho concelho de Resende, junto à igreja românica de Nossa Senhora da Assunção, em Barrô, foi identificado um outro lagar da mesma época.

⁶⁷ Ver: Anexos, fotografia da inscrição do “Lagar mouro de Boassas”, pág. 45

⁶⁸ PINHO, Luís M. Silva - *Subsídios para o inventário arqueológico do Vale do Bestança*, pág. 14

⁶⁹ Ver: Anexos, fotografia do “Lagar mouro da Chamusca-Boassas”, pág. 46

[Manifestações culturais e sociais populares. As lendas e histórias de mouras encantadas. Símbolos. Resquícios de linguagem. O barco rabelo. A cultura da oliveira e da vinha., etc.]

As lendas de mouras encantadas

As terras de Lamego, à semelhança do que se passa um pouco por todo o país, é pródiga em lendas de “*mouras encantadas*”. Assim, no *Castelo de S. Paio*, próximo de Cinfães diz o povo haverem os *mouros* feito uma estrada subterrânea entre este local e o *Poço Negro, no Ribeiro de Cabris*⁷⁰, isto à semelhança do que em Resende sucede com a denominada “*Buraca da Moira*”, no já citado *Morro da Mogueira*, onde afirmam, construíram os *mouros* um túnel que desembocava no Rio Douro e que lhes permitiria, em época de cerco prolongado, abastecerem-se de água e levar os próprios cavalos a beber.

Da mesma forma, afirmam também que no *Castelo da Aldeia*, (*Castro Cio* ou do *Monte das Corôas*), na freguesia de Ferreiros de Tendais, em Cinfães, teriam os *mouros* feito uma passagem subterrânea que iria ligar ao Rio Bestança. A tradição menciona também que nas proximidades construíram os *mouros* (ou tentaram construir) uma ponte.

Seja como for, não se nos afigura que seja de desprezar a ideia de que estes castros da região (castelos, como lhes chama o povo) terão sido, em regra, ocupados pelos *mouros*, uma vez que possuíam material para construir abrigos e fortificações e se localizavam em locais estratégicos de onde era fácil organizar a defesa e vigiar o território, sobretudo o rio Douro. Se muitos haviam já sido anteriormente ocupados pelos romanos porque motivo não o haveriam de ser agora pelos árabes?

Neste citado *Castro da Aldeia*, para além da óbvia referência toponímica, existe também um muito interessante forno que se afigura medieval e umas curiosas “furnas” escavadas na rocha saibrosa que aparentam ter sido celas de eremitas (poderiam ser *sufis* ?).

A povoação de Boassas e seus arredores também não escapa à regra das lendas de mouros. Sítios como a “*Lapa da Chã*”, a “*Pedra que bole*”, a “*Bulha*”, etc., são os

⁷⁰ Ver: PEREIRA, Vergílio - *Cancioneiro de Cinfães*, pág. 30

locais encantados referidos, na maior parte dos casos, pelos populares.

Na Penajóia, perto de Lamego, o impressionante afloramento rochoso chamado “Castelo dos Mouros” é também alvo de uma curiosa lenda, aí existiriam “*grutas subterrâneas, onde uma moura encantada guardava um tesouro. Estavam aí duas talhas escondidas. Uma faria a riqueza de quem a encontrasse, pois teria ouro a mais não poder ser. A outra - a talha da peste - se achada, não só mataria o curioso, como arrasaria toda a freguesia...*”⁷¹

A história ou lenda mais vulgar prende-se, porém, com as *Fontes da Moura*, que segundo a tradição eram habitadas por uma moura que, nas proximidades, guardava os seus tesouros debaixo de uma penedia. De uma forma geral, minas, poços e grutas andavam invariavelmente associados a este tipo de imaginário.

Nenhuma destas lendas porém se assemelha às “*Lendas de Ardínia e de Alcanides*”, do castelo de Lamego.

A lenda de Ardínia (Ardénia ou Ardinga)

A lenda da Princesa Ardínia revela-se de especial significado para o estudo desta região, da sua cultura e do seu património, acabando mesmo por ser um interessante elo de ligação entre vários elementos e símbolos populares da região. Senão vejamos: O pai da lendária princesa chama-se Huim Alboácem e terá sido *vali* de Lamego (este nome vai adquirindo várias cambiantes e aproxima-se muito daquele que é tido como o fundador de Boassas - Zidi Abolace). O cavaleiro cristão chama-se D. Tedon (ou Tedo) que é o nome de um rio da região, afluente do Douro. Por outro lado, parte da cena passa-se no local onde hoje se ergue o singelo templo românico de S. Pedro das Águias, o qual manifesta nítidas influências orientais na sua concepção.⁷²

Reza assim a descrição da lenda de Ardínia pelo licenciado Jorge Cardoso, no tomo I do seu «Agiologio Lusitano»:

«Em Lamego, a violenta morte da Princesa Ardinga, filha de um rei mouro daquela cidade, ao tempo que nela, e na maior parte de Espanha dominavam os (...) Ismaelitas. Esta levada da fama das grandes façanhas do ilustre capitão Tedon, bisneto do rei D. Ramiro II de Leão, que o mundo apregoava, e vencida do amor, e casta afeição de o alcançar por consorte, disfarçada ausentou-se do palácio de seu pai, em companhia de uma sua colaça, e havendo caminhado alguns dias, fugindo das estradas,

⁷¹ LARANJO, F. J. Cordeiro - *No Compasso do Concelho de Lamego (24 Freguesias)*, pág. 67

⁷² Ver neste capítulo o ponto 2. “*Arqueologia e arquitectura*”, págs. 60/61

veio ter ao mosteiro de S. Pedro das Águias da Ordem de São Bento na comarca da Beira, de que era abade Gelásio, monge de muito santa vida, o qual alcançando nas primeiras palavras, que com ela falou, quem era e o fim da sua vinda, lhe persuadiu, que se o queria ter por bom terceiro em sua pretensão, havia primeiro que seguir a fé de Cristo, o que ela de boa vontade aceitou, e instruída na doutrina e Sagrados mistérios, recebeu a água do Santo Baptismo. O que sabendo seu pai, veio dissimuladamente em sua busca e com infernal furor (não se fiando de outrem) ele próprio por suas mãos afogou, em ódio de nossa sagrada religião, que havia professado: pelo que piamente cremos goza na glória esta purpúrea rosa (nascida entre os espinhos da seita maometana) da ilustre coroa de mártir.”⁷³

Detectamos ainda uma outra versão, aparentemente mais recente, que diz o seguinte:

«Ardinga era uma formosa princesa moura, pouco mais que adolescente. O pai, “váli” de Lamego no Século X, guardava para o califa de Córdova (hoje Espanha) esta terra, mas verdadeiramente guardava-a para si das tentativas de conquista do rei leonês. Neste cenário de guerra desabrochou o amor no coração de Ardinga. No castelo contavam-se histórias de heróicos cavaleiros cristãos e de um melhor que todos – D. Telon, que batalhava nas montanhas de nascente. Ardinga ouvia estas narrativas e sentia mais fervor por elas que pelas repetidas histórias das “Mil e Uma Noites” que as aias lhe contavam com os olhos de sono. E o seu coração prendeu-se ao cavaleiro cristão com o mais belo dos amores. Certa noite, juntamente com uma irmã que lhe anima o sonho formoso, fugiu do castelo. Seu amor levava asas e guiou-lhe os passos por caminhos das cristas difíceis de transpor, por vales onde repousa à sombra das ermidas. Num alcantil do rio Távora – São Pedro das Águias, eremitério confundido com os rochedos – o abade Gelásio animava os guerreiros e curava-lhes as feridas da alma e do corpo. Ardinga beijou-lhe o manto e contou-lhe o seu segredo. Mas o seu cavaleiro, perdido nas lutas, demorava a tomar posse do seu coração, já feito cristão pelo baptismo. Enfurecido, o “váli” seu pai procurou Ardinga pelo caminho que conduz aos cristãos. Encontra-a e, duro no perdão, mistura o sangue mártir da filha com as águas inocentes do rio. Quando o cavaleiro cristão chegou, só conheceu a tragédia. Nunca mais o seu coração de poeta havia de amar senão a memória do amor da jovem princesa moura. Hoje, as rotas de Ardinga passam por muitos templozinhos

⁷³ Ver: www.mundodacultura.com

*cristãos de românico saboroso, construídos com amor sobre as ruínas das ermidas que guiaram a princesa.”*⁷⁴

A lenda de Alcanides

Esta lenda vem, de alguma forma, complementar a anterior e revela também uma grande carga simbólica.

“Em muitas noites, noutros tempos, nos céus de Lamego, quando não havia o clarão da lua cheia, podia ver-se pairando sobre o castelo da cidade uma alva pomba que enebriava de suave aroma todo o ambiente. Era a alma de Alcanides, a irmã colaça de Ardínia. Aquela, prodigiosamente, teria salvo agarenos em difícil empresa. Estes, haviam enterrado na capela de Nossa Senhora da Paz a imagem desta Senhora. D. Tedon (ou Tedo), que teria jurado vingar a morte de Ardínia, mandou colocar a imagem de Nossa senhora numa balança e exigiu o seu peso em prata. Por mais metal precioso que os mouros deitassem no outro prato, a balança não se equilibrava. Pedida a intervenção de Alcanides que estava presa nas masmorras do castelo, como cúmplice na fuga de Ardínia, logo a presença daquela teve a arte de fazer equilibrar a balança e, assim, foram libertados os reféns de D. Tedon. Ela não quis a libertação que lhe foi oferecida.

*Após a morte a sua alma passou a pairar sobre o castelo sempre que não havia luar.”*⁷⁵

As mouras encantadas do castelo de Lamego

“Um rei mouro, muito antigo, levado por poderosa fada feiticeira, mandou abrir, secretamente, no bairro do castelo, três túneis para uma sala, cada qual com a sua porta fechada. Mais, fez afixar uma legenda à entrada destas portas. Numa estava escrito: “peste que pode matar gente até uma légua em volta”; noutra: “tesouro de grande riqueza”; e numa terceira: “encantamento”. Mas, ficou também ali uma advertência: cuidado, que estão as legendas trocadas.

Este senhor do castelo, um dia, receando ser morto pelo nosso Rei D. Afonso Henriques, resolveu fugir, sem ver modo de levar consigo as suas três filhas “formosíssimas e jovens”. Assim, pediu a uma fada feiticeira que o acompanhava, que as encantasse. Tomaram as três lindas mouras o bálsamo do encantamento, que lhes

⁷⁴ Ver: www.unex.es

⁷⁵ Ver: www.mundodacultura.com

permitia “duração eterna”, ficando guardadas “no dito subterrâneo aonde existem”...Também foi encerrado, noutra tnel, o tesouro real.

*E lá se foi o rei mouro para os Algarves. Pensava voltar um dia, com a fada que lhe desencantaria as filhas, e haveria igualmente o tesouro escondido. Faleceu em Tavira. A fada que o acompanhou, também. Continuam no bairro do castelo as três princesas mouras... Quem as procura receia abrir por engano o túnel da peste, e todos têm desistido”.*⁷⁶

A lenda do Ladoeiro do Castelo de Lamego

Esta é uma das lendas, quanto a nós, mais belas e significativas, pelo que revela relativamente ao próprio sentimento das pessoas quanto aos chamados «mouros».

*Assim, «(...) segundo a tradição, os mouros teriam plantado, junto ao castelo, a árvore africana do ladoeiro, perpetuada nas armas da cidade, cujos frutos fazem esquecer a pátria e assim por cá ficariam para sempre. Só que, fora de África, o ladoeiro não dá frutos.»*⁷⁷

A “breza” de Montemuro

Jorge Dias descobre, em plena serra de Montemuro um cesto cujas semelhanças são, segundo a sua própria expressão, “flagrantes”, com um cesto egípcio da XII dinastia, encontrado por *Gayet*, no túmulo de *Antinoe*.

Este tipo de cesto, de formas variadas e de utilização diversa, é assim chamado por ser construído com *breza*, ou seja, colmo ou palha de centeio atada com silvas. Este objecto artesanal é ainda hoje manufacturado em Cinfães nas povoações serranas de Bustelo da Laje e Gralheira de Montemuro.

Jorge Dias acredita estar em presença de um caso de difusão a partir do próprio Egipto, até porque a sua técnica de fabricação se espalha por todo o Norte de África e regiões ainda mais longínquas, sendo portanto muito provável que tenha sido trazido para a Península por um cesteiro berbere aquando da “invasão” muçulmana⁷⁸, mas poderá também ter sido trazido por um dos muitos egípcios que integravam essas expedições. O citado autor menciona também, como provável, a difusão da técnica de fabricação da *breza* para outros locais, onde é possível encontrar este tipo de cestaria (Amarante, Oliveira de Azeméis e Bragança), a partir da própria serra de Montemuro.

⁷⁶ Ver: <http://castelos>. Planetaclix.pt

⁷⁷ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, págs. 73/74

⁷⁸ Ver: DIAS, Jorge - *Estudos de Antropologia*, vol. II, pág. 147

A canção marroquina do cancionero de Cinfães

Também na música os vestígios da presença árabe se fazem notar na região. Em meados do século XX, Vergílio Pereira elabora a recolha do notável “*Cancioneiro de Cinfães*” e surpreende-se ao encontrar uma canção “*de extrema raridade e, porventura, único exemplar conhecido no nosso País, até ao momento. A «Coreia» n.º 264, concebida em compasso OCTANÁRIO*”. Para acentuar, ainda mais, o carácter único deste “achado”, verifica que este ritmo se julgava mesmo, até esse momento, exclusivo da música marroquina. O mencionado *Cancioneiro de Cinfães*, refere:

“Recolhida na freguesia de Travanca. Tipo melódico: coral de Luthero. Género melódico: Chula. A notar: pela primeira vez aparece grafada uma cantiga tradicional portuguesa no compasso OCTANÁRIO, que parecia exclusivo da música clássica dos marroquinos, gerada na Península durante os séculos X a XV (no Alandalus).

*A divisão binária do tempo, em oposição ao «tempo perfeito», era novidade no século XIV. O presente compasso, como aliás, o quinário, solicitam-nos para o problema da leitura das tercinas na música dos trovadores.”*⁷⁹

Que - ro can - tar e não pos - so, Que - ro can - tar
e não pos - so, Nem meu co - ra - ção m'a - juda: Nem
meu co - ra - ção m'a - juda: Mor - reu - mo 'meu Pai em
Bra - ga. Mor - reu - me meu Pai em Bra - ga. Sou fi - lha do -
- nha vi - úva. Sou fi - lha du - ma vi - úva. Mel - a vol - t'ao
par. Eu bem «na» sci dar: Tenho o meu a - mor, Não «no» vou dei -
- xar. Ó de re - pum - pum. Tor - na a re - pu -
- nar: Ten - ho o meu a - mor Não «no» vou dei - xar.

⁷⁹ PEREIRA, Vergílio - *Cancioneiro de Cinfães*, pág. 108

“Quero cantar, que m’ouvides,
Já que eu vos falar não posso;
Eu quero que vos lembreis,
O meu coração *qu’*é vosso.

Eu dava-te uma castanha,
Se o castanheiro m’a desse;
Eu prometi *de* ser tua,
Se o meu amor não viesse...”⁸⁰

Vergílio Pereira refere ainda um outro exemplo detentor de influência oriental, nomeadamente a canção n.º 193, recolhida em Moimenta, em que, à semelhança do que acontece na música árabe, vai acelerando à medida que se aproxima do fim.

Resquícios de linguagem

Alguns termos de origem árabe são ainda usados na região, ou eram até há bem pouco tempo. Muitos desses termos estão ligados à agricultura e às medidas utilizadas, como por exemplo: o arrátel; a teiga, o alqueire e o almude. Na serra de Montemuro, os pastos têm a designação, proveniente do árabe, de *alqueives* (as pessoas pronunciam *alquêves*).

São vulgares termos como: alarido; algazarra; arrais; almadia; alcova; aldrava; tabique; albornoz; aljube; ceroulas; açafate; albarda; alforge; almofariz; almotolia; açacaia; acéquia; açude; azenha; nora; açafão; regueifa; azeitona; tremoço; alfarroba; tâmara; acepipe; alaúde; adufe; rabeca; etc...

Na gastronomia é também possível encontrar indícios da presença árabe, em comidas como a açorda; a aletria, as filhós, os formigos; etc.

São ainda usuais expressões como: “oxalá” [se Alá quiser!], “tem força como um mouro”, “mourejar” ou “trabalhar como um mouro”.

O barco rabelo

Há quem aponte origem Viking para os barcos rabelos, o que, diga-se, nos parece bastante improvável, pelo menos não tanto quanto a outra hipótese geralmente aceite, que é a de ser de origem árabe, ou pelo menos mediterrânica. De facto, a sua

⁸⁰ PEREIRA, Vergílio - *Cancioneiro de Cinfães*, págs. 516/517

forma assemelha-se, ainda que vagamente, aos barcos egípcios do Nilo e alguns autores situam mesmo o seu aparecimento em entre os séculos IV e IX.⁸¹

Uma presença constante de quase quatrocentos anos, (contrastando com a cultura Viking que apenas se fez sentir esporadicamente) um conhecimento profundo tanto da arte da navegação, como da própria construção naval, aliados à cultura da vinha, que na época parece ter sentido grande impulso, parecem-nos motivos bem mais que suficientes para sugerir uma provável origem árabe do barco rabelo, ou pelo menos influenciar grandemente a sua adaptação e transformação.

A própria existência de um barco de nome árabe existente no Douro, denominado *azurracha* e que poderá ser o antepassado do barco rabelo, dá maior credibilidade a esta opção.

A azurracha

Trata-se de um barco, de configuração semelhante ao rabelo, embora sem vela. A sua denominação, provém da língua árabe e significa pequena embarcação. “*Azurracha, s. f. embarcação usada no rio Douro, com um remo a servir de leme (espadela) e dois remos laterais. (Do árabe az-zallaj, espécie de barca)*”⁸²

Poderá ser o próprio barco rabelo também uma “herança” árabe ?

Armando de Mattos no seu livro “*O barco rabelo*””, refere essa possibilidade. Será, sem dúvida, interessante e talvez profícua uma investigação neste campo, nomeadamente através do contacto com alguns marinheiros dos rabelos, alguns dos quais ainda são vivos e habitam em Boassas e Porto Antigo, no concelho de Cinfães.

O mestre arrais

Este era o nome dado ao capitão do barco rabelo. Será interessante verificar a proveniência deste nome.

Assim, segundo o dicionário: “*arraís, s. m. 2 núm. patrão ou mestre de um barco ou lancha. (Do árabe ar-râiç, «capitão de um navio»)*”⁸³

Símbolos

O sino saimão - Em Boassas os marinheiros dos barcos rabelos usavam nos

⁸¹ Ver: MONTEREY, Guido de - *Miomães (Resende), O rio Douro, os barcos rabelos*, in *Jornal Miradouro* n.º 1337, de 11 de Janeiro de 2002

⁸² COSTA, J. Almeida / MELO, A. Sampaio e - *Dicionário da Língua Portuguesa*, pág. 226

⁸³ COSTA, J. Almeida / MELO, A. Sampaio e - *Dicionário da Língua Portuguesa*, pág. 178

braços uma tatuagem de um sino saimão ou estrela de David (de seis pontas). Este símbolo oriental é ainda hoje utilizado na porta das casas, gravado nas pedras ou no cimento. Para este mesmo efeito é também utilizada a estrela de cinco pontas. É elemento decorativo usado nas igrejas de Cárquere e Tarouquela.

Por curiosidade e a este respeito, transcrevo uma passagem do livro de Alves Redol, Porto Manso:

“A neblina da manhã amaciava os longes. As quebradas dos montes vinham juntar-se em baixo, suavemente, segredando o caminho do rio. Os refegos, acastelados, ficavam no horizonte, como panejamentos de cores suaves, onde havia cinzentos fimbros de moreno baço com laivos de neve, tão branco se tornara o nevoeiro com o contacto da luz do sol. Nos primeiros planos das dobras dos montes ainda se desenhavam copas de árvores em borrão; mas, lá adiante, só ficava o dentado dos cerros mais altos em caprichos de formas. E aldeias espalhadas. Porto Antigo e do outro lado do Avestância, Souto do Rio. Depois Buaças, lá longe, onde os homens trazem tatuado nos braços um sino-saimão.” ⁸⁴

A estrela de cinco pontas

Nas portas das casas encontram-se, ainda hoje, gravadas na pedra ou no cimento, estrelas de cinco pontas. Este símbolo era também utilizado nos barcos rabelos. As pessoas usam-no ainda e dizem que serve para “dar sorte”, ou para afastar o “azar”, o “mau olhado”, ou a “cousa ruim”.

A cultura da oliveira e da vinha. Os socalcos

A as culturas da vinha da oliveira e do trigo são elementos primordiais para a fixação dos povos do sul. O facto de em alguns locais do vale do Douro ser possível encontrar alguns microclimas que propiciam a sua cultura será um factor importante e mesmo decisivo, para que estas comunidades aí se venham a instalar.

Sabendo que “os berberes montanheiros eram mestres na construção de socalcos e na arboricultura” ⁸⁵, não será difícil imaginar o contributo precioso que terão dado para a transfiguração da paisagem do alto Douro vinhateiro.

⁸⁴ REDOL, Alves - *Porto Manso*, pág. 163

⁸⁵ RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos geográficos*, pág. 109

“As provas”

Há ainda pessoas em Boassas que se lembram deste ritual. Assim, era costume, após a noite de núpcias o noivo e sua família, no meio de grande algazarra, percorrerem os locais principais da povoação mostrando um lençol ensanguentado, como prova da virgindade da noiva. Este ritual, digno de ser estudado por um antropólogo, parece ter grandes semelhanças com o que se passa em algumas comunidades árabes/berberes, nomeadamente em Marrocos, ainda nos tempos actuais.

Infelizmente não foi possível obter grandes informações, sobretudo escritas, acerca deste assunto.

Porque nunca foi Boassas preponderante em termos políticos?

Segundo *Felgueiras Gayo*, terá sido *Jorge Vaz Campello* o primeiro instituidor do *Morgado de Aboças* (Boassas). Este era pai de *Anselmo Campello*, cidadão do *Porto* e Juiz do concelho de *Ferreiros de Tendais*, que viveu em *Boassas* e aí faleceu em 29-06-1638. Esta informação é corroborada por M. Gonçalves da Costa que diz, referindo-se ao brasão da Casa de Revogato em Oliveira do Douro: “...o avô paterno, Anselmo Campelo, filho do P.e Jorge Campelo, que lhe deu o morgado de Boassas, instituído por testamento de 29 de Abril de 1580.”⁸⁶

Boassas era nesta época a maior povoação da freguesia e a mais importante. Embora a sede de freguesia fosse em *Oliveira do Douro*, podemos verificar, segundo as “Memórias Paroquiais” datadas de 1758 que enquanto a sede da freguesia, possuía dezassete casas de habitação, *Boassas* tinha na mesma altura oitenta e sete e *Ferreiros de Tendais*, embora fosse vila, possuía apenas quarenta e um fogos.

Este facto revela-se bastante estranho uma vez que a povoação terá sido sempre, tanto no passado como até aos dias de hoje, a maior, mais rica e mais populosa da região. Por outro lado, sabemos também que muitos dos próprios “governadores” do concelho, capitães e sargentos-mores, eram daí naturais e viviam em Boassas (alguns, na mencionada “Casa do Cubo”).

Porque motivo não era então Boassas a sede concelhia, ou pelo menos de freguesia?

Será que a resposta poderá estar no próprio passado histórico da aldeia, relacionado de alguma forma com a sua origem árabe, ou com uma persistência de outros ritos, outra cultura...outra religião?

⁸⁶ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. IV, pág. 376

A toponímia, que a princípio parecia ser algo secundário nos nossos estudos, foi ganhando cada vez uma maior preponderância, até se tornar um factor muito importante e significativo, sobretudo para compreender melhor o povoamento durante a época do domínio árabe/islâmico, na região que nos propusemos estudar.

Pedro Cunha Serra ao analisar a toponímia do noroeste peninsular⁸⁷, apercebeu-se de que a cidade de Lamego, assim como a própria região, constituíam algo digno de ser melhor estudado. Acabaria por publicar, posteriormente, um pequeno estudo apenas sobre o caso da região de Lamego, intitulado “*Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*”, onde começa por comparar Lamego com outros focos de moçarabismo conhecidos, nomeadamente: Coimbra, Lorvão, Lafões e Arouca⁸⁸.

No entanto, estamos em crer que este é apenas mais um importante factor, a juntar a muitos outros, que assinalam peremptoriamente quão forte foi o impacto da cultura e da civilização árabe/islâmica nesta região.

Limitamo-nos, neste caso, a recolher apenas os topónimos da região de Lamego, nomeadamente do espaço outrora designado por “Beira-Douro”, salvaguardando, no entanto, algumas excepções, justificadas pelo seu significado e importância, e também pela proximidade.

Siglas adoptadas [segundo A. de Almeida Fernandes]

CT - *Contribuição Topoantroponímica*, por Cunha Serra

DC - *Diplomata et Chartae - Portugaliae Monumenta Historica*

DP - *Documentos Particulares - Documentos Medievais Portugueses*

DR - *Documentos Régios - Documentos Medievais Portugueses*

IS - *Inquisitiones - Portugaliae Monumenta Historica*

LP - *Livro Preto da Sé de Coimbra*

Alguns topónimos árabes da região

S. Martinho de Mouros. No vizinho concelho de Resende, bem próximo de Boassas, ainda nas faldas da serra do Montemuro e a meio caminho entre Cinfães e Lamego, existe a povoação denominada *S. Martinho de Mouros*.

⁸⁷ Ver: SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Anthroponímica Para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1967

⁸⁸ Ver: SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, pág. 11

A designação do local provirá do facto de que, devido à fertilidade do local, os muçulmanos tenham resistido com todas as suas forças à conquista cristã, motivo pelo qual, sendo já tomado todo o território do noroeste, “(...) *estando ainda S. Martinho nas mãos dos Mouros, os cristãos de Resende, falando de S. Martinho, lhe chamavam «de Mouros»*”⁸⁹. Sabe-se que após a tomada de Lamego por Fernando Magno muitos muçulmanos fugiram para as montanhas, enquanto outros se refugiaram e continuaram a resistir nos castelos das imediações, nomeadamente: S. Justo, Tarouca, S. Martinho de Mouros, Ceiça, Travanca e Penela.

É conhecida a existência, em local próximo de S. Martinho de Mouros, no designado Castelo ou Morro da Mogueira, de um provável “*cemitério mourisco e um rochedo côncavo, com sinais de uma azenha ou pisão de moer sementes*”⁹⁰, bem como a forte probabilidade de se tratar de uma povoação castreja ocupada posteriormente por Romanos e Mouros.

Na base desta elevação, do lado nascente, existe uma furna de grandes dimensões a que o povo chama “Buraca da Moira” e que, dizem, seria um túnel por onde os mouros levavam os cavalos a beber ao rio, sendo mais provável, porém, que fosse uma saída alternativa em caso de cerco, ou uma cisterna.

Ainda no mesmo concelho de Resende, e bem próximo de *S. Martinho de Mouros*, existe uma aldeia que, sugestivamente, se denomina **Córdova**. Junto a Tabuaço existe um local chamado **Sevilha** e junto ao Douro, próximo de Lamego - **Marrocos**.

Mais a ocidente, em Castelo de Paiva, na freguesia de Paraíso, junto ao rio Paiva, uma outra povoação denomina-se *Almançor*, facto que nos leva a pensar que o caminho romano existente ao longo do rio Paiva, denominado já em 1067 de *carraria antiqua*, poderá ter sido o percurso utilizado pelo célebre *hájibe* Almançor, na sua campanha de 997 a Santiago de Compostela⁹¹.

É sabido que, no regresso dessa célebre campanha, é precisamente em Lamego que Almançor estaciona as suas tropas e faz a repartição do saque pelos condes (cristãos) da região, que o acompanharam.

Marvão, lugar da freguesia de Nespereira, concelho de Cinfães.

Em 1258 escrevia-se *Marvam*. Este topónimo, que existe noutras regiões do país, como por exemplo na freguesia de **Moura Morta** próximo da Régua, no concelho

⁸⁹ DUARTE, Joaquim - *S. Martinho de Mouros*

⁹⁰ DUARTE, Joaquim - *S. Martinho de Mouros*

⁹¹ Ver: PINHO, Luís M. Silva / LIMA, António M. C. / CORREIA, Alexandre L. - *Roteiro Arqueológico de Cinfães*, pág. 34

de Santa Marta de Penaguião, deriva do nome pessoal que os árabes aportaram para a Península, *Merwân* ou *Marwân* ⁹².

Este topónimo poderá estar relacionado com a presença do príncipe muçulmano (*muladi*) de Badajoz, cujo nome era ‘Abd al Rahmân Ibn Marwân ibn Yūnus (apelidado al-Djillīqi, “o Galego”) e a quem o rei D. Afonso III entregou a fortaleza de Cárquere, da qual ainda hoje resta a torre da alcáçova, junto à famosa igreja. ⁹³

Couce, o mesmo que **Alcouce**. Lugar na freguesia de Oliveira do Douro do concelho de Cinfães, próximo de Boassas.

É um topónimo frequente em Portugal e provém do árabe *al-kauç*, que significa «o arco». ⁹⁴

Barbeita, nome de duas aldeias na província de entre Douro e Minho, arcebispado de Braga; nome de lugar na freguesia de Oliveira do Douro e de uma quinta na freguesia de Ferreiros de Tendais, ambas no concelho de Cinfães e próximo da aldeia de Boassas.

Significa o campo da casa. Provém do árabe *barr baita*, nome composto de *barr* - campo e de *baita* - casa. ⁹⁵

Sáimes, lugar da freguesia de Espadanedo do concelho de Cinfães.

Este topónimo aparece em 1101 sob a forma de *Zalimes*, o que remete para a sua origem o nome pessoal árabe *Sâlim*. ⁹⁶ Almeida Fernandes sugere que, tratando-se de plural se deve referir a “*descendência de indivíduo desse nome, o qual teria aqui arroteado e feito morada*”. ⁹⁷

Outros topónimos árabes da região de Lamego:

Aboadela, lugar da freguesia de Cepões do concelho de Lamego. É também o nome de uma freguesia do vizinho concelho de Amarante.

Em 954 era Abohadella (954 DC 68). Deriva do nome pessoal árabe *abū’ abd Allah*, e que significa «pai do servo de Deus» ⁹⁸. Refira-se, como curiosidade, que este era o nome do último rei de Granada, Mohamed XII, que entregou a célebre cidade,

⁹² Ver: SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, pág. 20

⁹³ Ver neste capítulo o ponto 7. *Cárquere - Oratório, mesquita ou castelo?, Ibn Mariuân e Cárquere*, págs. 62 a 64

⁹⁴ LOSA, António - *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 15

⁹⁵ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 75

⁹⁶ SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, pág. 20

⁹⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, Beira Alta, vol. LXI, (fascículos 1 e 2), 1.º e 2.º trimestres de 2002, pág. 23

⁹⁸ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário português de origem árabe*, pág. 22

último reduto do al-Andalus, aos Reis Católicos e que ficou conhecido nas crónicas cristãs como Boabdil.

Açougue, na cidade de Lamego existe a *Rua (ou travessa) dos Açougues Velhos*.

Também na freguesia de Lalim, do mesmo concelho de Lamego, existe ainda este topónimo.

Em árabe é - *as-souk*- e significa, ainda hoje, «mercado, bazar». Em espanhol mantém o mesmo significado a palavra *azogue*, «mercado, praça». Em português o “açougue” designa o que hoje chamamos «talho». ⁹⁹

Alcácia, local junto à vila de Tarouca.

Será, quanto a nós, até pela sua própria localização, a mesma coisa que *Alcáçova*, topónimo frequente em Portugal, derivado do árabe *al-qaççbā*, e que significa «cidadela, castelo de cidade». ¹⁰⁰

Alcaçovela, lugar da freguesia de S. Martinho de Mouros do concelho de Resende. (Almeida Fernandes escreve *Alcaçofela* e denomina-o um provável vestígio de “moçarabismo”). ¹⁰¹

Não está referenciado na carta militar e não consegui localizar. Será um diminutivo do topónimo de origem árabe referido anteriormente, *Alcáçova (+ela)*? ¹⁰²

Alcaria, topónimo bastante frequente em Portugal e estudado, nomeadamente por Leite de Vasconcelos. Na região de Lamego encontramos-lo com frequência, nomeadamente na freguesia do Mezio, Mondim da Beira e Tarouca, onde Almeida Fernandes refere nada menos que seis localidades com este mesmo nome. ¹⁰³

Nas freguesias de S. João de Tarouca e Alvite do concelho de Tarouca existe este mesmo topónimo, embora no plural, *Alcarias*.

Provém, pois, do árabe *al-kariya*, com o significado de «a aldeia; a aldeola».

Alcôba (ou Alcôba), nome que os árabes davam ao sistema montanhoso que integrava a própria serra de Montemuro. Acerca desta serra, *Pinho Leal* refere o seguinte: “*Situada na margem esquerda do Douro, no declive da serra de Monte Muro (ou Monte do Mouro) do lado do N. d’ella. Esta serra, com as da Franqueira, Castro, S. Macário, Perneval, Arouca, Freita, Caramullo e outras, são ramificações da serra do Bussaco, e às quaes todas chamavam os antigos serra d’Alcôba.*”

⁹⁹ LOSA, António - *A dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 12/13

¹⁰⁰ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 44 e TEIXEIRA, Ricardo - *Castelos e organização dos territórios nas duas margens do curso médio do Douro - in “Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos”*, págs. 472 a 474

¹⁰¹ FERNANDES, A. de Almeida - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, “Resende”, vol. 25, pág. 224

¹⁰² FERNANDES, A. de Almeida - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, “S. Martinho de Mouros”, vol. 27, pág. 560

¹⁰³ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Tarauçense*, Beira Alta, vol. XLIV, fascículo 4, 4.º trimestre 1985, págs. 608 a 610

É também o nome de uma aldeia Beirã, do concelho da Guarda. Deriva do árabe *al-qūbba*, «pequena torre». ¹⁰⁴

Alcouce, localidade da freguesia de S. Romão do concelho de Armamar.

É o mesmo que o topónimo atrás estudado **Couce** (em árabe *kauç*), embora sem o artigo arábico *al*. Significa, como vimos, «a porta ou o arco». ¹⁰⁵

Aldeia, lugar da freguesia de Ferreiros de Tendais do concelho de Cinfães e **Aldeias, Aldeia de Cima e Aldeia de Baixo** no concelho de Armamar.

É topónimo frequentíssimo em Portugal e provém do árabe *al-day'a*, com o mesmo significado. ¹⁰⁶

Alderuge, Este lugar, que segundo Fr. João de Sousa, se situa no termo de Lamego, não o conseguimos localizar.

Significa «os degraus» e é o plural de *Dargeton* - degrau. ¹⁰⁷

Alfaiates, localidade do concelho do Sabugal.

Palavra proveniente do árabe *al-khiiāt* e que tem o mesmo sentido que em português ¹⁰⁸. Almeida Fernandes porém duvida da sua origem nesta acepção e sugere que talvez se possa aproximar da zoonímia de Campo de Víboras, ou seja a partir do árabe *al-hait* «cobra; víbora». ¹⁰⁹

Algarido, local próximo de Granja do Tedo, freguesia de Castelo, concelho de Moimenta da Beira. Provém da palavra árabe *algar*, «sorvedouro, lugar baixo» ¹¹⁰, o que está de acordo com a topografia do terreno.

Algereu, lugar da freguesia de S. Cristóvão de Nogueira do concelho de Cinfães. Não consegui documentar este topónimo. Atrevo-me a propor, com todas as reservas, uma aproximação a *algeroz*: caleira; cano que leva a água da nora ao tanque. Palavra derivada do árabe *az-zurub*, «cano de água».

Algodres, topónimo árabe topográfico (hidrografia), que não consegui localizar.

Em árabe era *al-godor*. Diz Almeida Fernandes: “(...) *Passa por aqui um ribeiro, ou pequeno rio, confirmando a significação de tal étimo; e é ainda disto mais relevante ter-se chamado «da Lagoa» (o «algodre») à titular da paróquia. (...)»* ¹¹¹

¹⁰⁴ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 5, pág. 117 e SOUSA, Fr. João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 24

¹⁰⁵ LOSA, António - *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 15

¹⁰⁶ LOSA, António - *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 16

¹⁰⁷ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 27

¹⁰⁸ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 52

¹⁰⁹ FERNANDES, A. de Almeida - *Censual da Sé de Lamego*, pág. 127

¹¹⁰ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, págs. 34 e 35

¹¹¹ FERNANDES, A. de Almeida - *Censual da Sé de Lamego*, págs. 122 e 123

Alheda, Fr. João de Sousa refere este topónimo associado a uma ribeira pequena na província da Beira, Bispado de Lamego.

Também não foi possível localizar. Poderá ter mudado de nome. Significa «o limite». “*Deriva do verbo surdo hadda limitar, terminar; pôr limite a qualquer coisa*”.¹¹²

Almacave, nome de uma rua, de uma igreja e de uma das freguesias da cidade de Lamego.

Topónimo proveniente do árabe *al-maqabar*, que significa: «campo santo, cemitério». De facto, no local onde se situa a igreja de Almacave vieram à luz sepulturas graníticas em escavações aí efectuadas, ou seja, perto da igreja, mas fora da muralha, tal como era usual nos muçulmanos.¹¹³

Almançor, lugar da freguesia de Paraíso do concelho Castelo de Paiva.

Provém do árabe *al-mançūr*, e significa «o vitorioso». Foi o epíteto de um célebre chefe político e militar muçulmano, o hájibe *Abu Amir Mohammed “al-mançūr”* (939-1002). (Ver Mansores)¹¹⁴

Almeida, vila e concelho do mesmo nome, que pertencia ao bispado de Lamego.

Topónimo com base no árabe *al-maidā*, que significa «planura», sendo pois um topónimo topográfico.¹¹⁵

Almedina, nome de um bairro; de uma rua (hoje Rua das Cortes) e de uma fonte na cidade de Lamego.

Em 1258 (Inquisitiones, p. 1028), era *Almidina*. Esta palavra provém do árabe *al-medinā*, «a cidade». Será de notar que em árabe a designação, *al-medinā* referia-se a um centro urbano principal, ou capital.¹¹⁶

Almodafa, lugar da freguesia de Mondim da Beira, concelho de Tarouca.

Trata-se de um antroponímico. As formas antigas, em 1161 *Almudafaz* e em 1258 *Almudafar*, indiciam uma origem no nome pessoal árabe *Al-Muzaffar*.¹¹⁷

Almofala, localidades dos concelhos de Castro Daire, Tarouca e Figueira de Castelo Rodrigo.

Topónimo proveniente da palavra árabe - *al-mahalla*, que tem as seguintes

¹¹² SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 38

¹¹³ SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, pág. 18

¹¹⁴ LOSA, António - *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 21/22

¹¹⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Censal da Sé de Lamego*, pág. 125

¹¹⁶ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 64 e SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, págs. 17 e 18

¹¹⁷ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica Para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular*, pág. 21 e FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág.37

significações: «hospedaria, pousada, acampamento, arraial, bairro, aldeia».

Trata-se ainda de um vocábulo existente como palavra comum em português, no sentido de “*hoste, arraial de mouros, tapete sobre o qual os árabes armavam assentos*”.¹¹⁸

Almoínhas, lugar do concelho de Armamar. Quinta das Almoínhas. Lugar da freguesia de Almofala, do concelho de Tarouca, onde aparece grafado Almuinha.

Topónimo documentado em 1087 DC 677 e 1127 DR 74. Trata-se do nome árabe *al-munia*, com o significado de «prédio rústico».¹¹⁹

Almozerna, lugar do concelho de Resende.

Do árabe *al-muzīnā*, que significa «ornamentada, bela».¹²⁰

Alqueidão, lugar da freguesia de Cambres, concelho de Lamego.

É topónimo frequente em Portugal. Provém do árabe *al-kaddān*, com o significado de «tufo calcário esbranquiçado» ou ainda de *al-qattān*, «(campo do) linho».¹²¹

Alqueive, lugar da freguesia de Nespereira, concelho de Cinfães.

Topónimo proveniente da palavra árabe *al-qewê*, «terra deserta». O termo existe em português e significa *terra alqueivada; pousio*. É o nome dado pelos pastores do Montemuro aos pastos do alto da serra, que pronunciam *alquêve*.

Alvorações, bairro e antiga quinta da cidade de Lamego.

Consta que era esta quinta propriedade de Huin Alboacem, Rei Mouro de Lamego, pai de Zadan Ibn Huin e da lendária princesa Ardínia¹²². Trata-se pois de um antropónimo, aparentemente com origem em Alboacem.

Angorês, localidade da freguesia de Samudães do concelho de Lamego.

Segundo Almeida Fernandes este topónimo significará pessoa emigrada de Tânger, ou seja, de Ângera, daí Angorês (que será o mesmo que Angorense - Natural de Ângera). Refere o autor: “(...) reforça-se a presença étnica de «mouros», como os achámos, vizinhos, em São Martinho de Mouros, e de «judeus», como os achámos ao lado, em Penajóia(...)”.¹²³

¹¹⁸ LOSA, António - *A dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 23 e MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 67

¹¹⁹ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Tarauçense*, Beira Alta, vol. XLIV, fascículo 4, 4.º trimestre 1985, pág. 610

¹²⁰ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem árabe*, pág. 69

¹²¹ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem árabe*, pág. 70

¹²² LARANJO, F. J. Cordeiro - *Vultos e Ruas de Lamego*, pág. 105 e LARANJO, F. Cordeiro - *Lamego Antiga*, pág. 97

¹²³ FERNANDES, A. de Almeida - *Censal da Sé de Lamego (século XVI)*, pág. 106

Arrabalde(s), antigos locais da cidade de Lamego (Arrabalde da Sé e Arrabalde da Seara); lugar da freguesia e concelho de Cinfães (Arrabalde de Bouças) ¹²⁴ e lugar da freguesia de Ferreiros de tendais, também em Cinfães.

“O étimo de *Arrabalde* é *-ar-rabad-*, que significa, em árabe como no português moderno, «arredores»”. ¹²⁵

Arribada (ou **Arrábida**), centro histórico da aldeia de Boassas, freguesia de Oliveira do Douro do concelho de Cinfães.

Arribada provém do árabe *ar-rābitā*, «convento fortificado para guardar fronteira». Arribada é topónimo semelhante e deve provir de *ar-ribāt*, «ligação; convento fortificado para guardar fronteira», donde as palavras portuguesas rebate e rebato ¹²⁶. É frequente ouvir as pessoas mais velhas de Boassas dizerem “*a Ribada*”, aproximando assim, ainda mais, o topónimo à palavra árabe *ribāt*.

Arrifana, lugar da Serra de Montemuro, freguesia de Cabril, concelho de Castro Daire. Topónimo bastante vulgar em Portugal. Do árabe *ar-rif* «vertente de montanha», o que está de acordo com a topografia do local. Ver *Arritana*. ¹²⁷

Arritana, lugar da freguesia de Cárquere do concelho de Resende.

Suponho que será o mesmo que o frequente e atrás mencionado *Arrifana*. Machado diz provir do árabe *ar-rihānā*, «murta», porém Almeida Fernandes rebate e sugere como base o também árabe *arrif*, «rochoso». Seria então *ar-rif+ana*, o que parece mais verosímil, tendo em conta as características geológicas do próprio local. ¹²⁸

Azebo, Fr. João de Sousa refere este topónimo como pertencendo a um “*Lugar na Província da Beira Alta, Bispado de Lamego. Significa Lugar do Cabeludo. Deriva do verbo zāba ser peludo, ter muito cabelo.*” ¹²⁹

Não consegui localizar este lugar. Será o mesmo que *Aziboso* em Cinfães?

Barrô, lugar e freguesia do concelho de Resende.

Segundo David Lopes será o diminutivo de *Albarrol*. Não foi possível aprofundar mais. ¹³⁰

Beiúves, lugar na freguesia da Sé, da cidade de Lamego, cerca de Alvelos.

¹²⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, Beira Alta, vol. LXI, (fascículos 1 e 2), 1.º e 2.º trimestres de 2002, pág. 12

¹²⁵ LOSA, António - *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 25

¹²⁶ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 76

¹²⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, Beira Alta, vol. LXI, fascículos 3 e 4, 3.º e 4.º trimestres de 2001, pág. 307

¹²⁸ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 77 e FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 56

¹²⁹ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 67

¹³⁰ LOPES, David - *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, pág. 166

Em 1146 era *Avaiuves*. Tudo aponta para que este topónimo derive da conhecida cúnia árabe *Abu Ayub*.¹³¹

Ben-Aduba, lugar da freguesia de S. Martinho de Mouros, concelho de Resende. Não está referenciado na carta militar e não consegui localizar. No entanto, segundo Almeida Fernandes, situa-se próximo do rio Douro e encontra-se documentado no séc. XIII¹³². Atrevo-me (com todas as reservas) a sugerir a proveniência a partir do árabe *Ibn Ayub*.

Boassas, aldeia da freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães.

Dever-se-ia escrever Boaças. Em 1258 aparece *Avozas* (IS 981) e aparenta ser antroponímica arábica proveniente do documentado nome pessoal *Abolace* (1041 Zidi Abolace DC 314).¹³³

Bulfines, lugar da freguesia de Cambres, concelho de Lamego.

Em 1258 era *Bulfeyne* (IS 1008). Almeida Fernandes sugere uma probabilidade de origem arábica, a partir da palavra *abu*.¹³⁴

Cabana de Mouros, lugar da freguesia de Almofala, concelho de Castro Daire. Embora não tenha conseguido documentação para este topónimo, o sentido é evidente. Cf. com *Mamouros*.

Cárquere, freguesia do concelho de Resende e lugar do concelho de Baião.

Embora não haja grande certeza quanto à origem do topónimo sabemos que o local era já referido pelos árabes, ao qual chamavam *Karkar*. Em 1125 era *Cárcari* [LP 39]. A existência, no entanto, na Síria, de uma povoação com este mesmo nome torna, obviamente, mais provável a sua origem árabe.¹³⁵

Cedavim, ou Cedovim, freguesia do concelho de Vila Nova de Fozcoa e lugar do concelho de S. João da Pesqueira.

Em 1300 encontra-se *Cedavy*. É um topónimo antroponímico complexo, com origem no prenome árabe *Cid* («senhor») + o nome *Davi(d)*.¹³⁶

Ceife, nome de um rio do concelho de Lamego (?) que não consegui localizar.

Fr. João de Sousa refere-o como sendo um nome de origem árabe: “*Rio na Província da Beira, Bispado de Lamego. Significa espada.*”¹³⁷

¹³¹ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, págs. 23 e 24

¹³² FERNANDES, A. de Almeida - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, “S. Martinho de Mouros”, vol. 27, pág. 560

¹³³ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 96

¹³⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, (Beira Alta, vol. LXI, 2002), pág. 286

¹³⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 152 e ROBIN, Christian Julien - “*As Tribos da Arábia Deserta*”, Revista «História», n.º especial “Para Compreender o Islão”, pág. 20

¹³⁶ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 166

¹³⁷ SOUSA, João de - *Vestígios da língua árabe em Portugal*, pág. 89

Cimo de Aldeia, lugar da freguesia do Mezio, concelho de Castro Daire.

Almeida Fernandes a propósito deste topónimo refere: “*Aqui, Aldeia tem a origem arábica primitiva: uma área, e não propriamente povoação (...)*”¹³⁸

Córdova, aldeia da freguesia de Paus do concelho de Resende.

Em 1258 era «Corduba» (IS 997). Nome explicável através da migração de moçárabes para o norte, a partir da capital do Califado, que se deu entre os séculos IX e X.¹³⁹

Cuba(s) nome de um pequeno curso de água do concelho de Lamego e Ribeira das Cubas; local no concelho de Tabuaço.

Casa e quinta em Boassas, freguesia de Oliveira do Douro, Cinfães. Provém do árabe *cāba* e significa «*pequena torre; cúpula*».¹⁴⁰

Esnoga ou **Sinagoga**. Antiga rua de Lamego onde se localizava a *Judiaria da Cruz da Pedra*. Hoje é conhecida por Rua Nova.

Não se tratando de um topónimo árabe é, sem dúvida, da mesma época e ajuda a esclarecer as relações sociais e de povoamento na época.

Fáfel, rua e bairro da freguesia de Almacave da cidade de Lamego. Era também o nome de um pequeno curso de água que desagua no rio Balsemão, hoje chamado Ribeira de Coura.

Trata-se de um topónimo que tem como base o nome pessoal árabe *Jalaf*. Em 1258 era *Faafel*.¹⁴¹

Faifa, lugar e curso de água da Serra de Montemuro, freguesia de Ester do concelho de Castro Daire.

Topónimo documentado, havendo em 1093 Halifa DC 801 e em 1258 Fafia (IS 942). Antroponímico proveniente do árabe *Halifa*>*Fa(l)ifa*>*Faifa*.¹⁴²

Fazamões, lugar da Serra de Montemuro, freguesia de Paus do concelho de Resende.

Já no séc. XII aparece *ffazamões*. Designação que tudo indica ter por base mais um antropónimo, no caso, *Hazm* ou *Hazam*.¹⁴³

Feirão, freguesia da Serra do Montemuro, concelho de Resende e existente

¹³⁸ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, Beira Alta, vol. LXI, fascículos 3 e 4, 3.º e 4.º trimestres de 2001, págs. 319/320

¹³⁹ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 207

¹⁴⁰ SOUSA, Fr. João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, p. 93

¹⁴¹ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, pág. 40 e FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, (Beira Alta, vol. LXI, 2002), pág. 278

¹⁴² FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 285

¹⁴³ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, pág. 42

também em Castelo de Paiva.

Aparentemente trata-se de um antroponímico, derivado da forma arábica do nome pessoal *Harun* (Mohamed ibn Fahrún CT 29).¹⁴⁴

Fumos, lugar da freguesia de Anreade, concelho de Resende.

Com muitas reservas Cunha Serra sugere a identificação com *Mahmutis* ou *Mafamude(s)*. A origem poderá assim ser o nome pessoal *Mahmud*.¹⁴⁵

Garrafôla, lugar da freguesia de S. Romão de Arêgos, concelho de Resende.

Apesar de não ter encontrado documentação sobre este topónimo atrevo-me a evidenciar a semelhança com a palavra *garrafa*, proveniente do árabe *garrafā*, «vaso de barro vidrado».¹⁴⁶

Irão, lugar do concelho de Castelo de Paiva, próximo da freguesia de Travanca do concelho de Cinfães e junto ao rio Paiva. Não obtive informações complementares sobre este topónimo, que, no entanto, parece evidente.

Lalim, lugar e freguesia do concelho de Lamego.

*“Aldeia na Província da Beira, Bispado de Lamego, fundação de Zeidan Ben huin, régulo daquela cidade. Significa Irrepreensível.”*¹⁴⁷

Lazarim, freguesia do concelho de Lamego.

Em árabe era *Aláçarin*, segundo Fr. João de Sousa, que diz: *“Aldeia na Província da Beira, Bispado de Lamego, fundação de Zeidan, Régulo daquela Cidade. Significa as duas fortificações. Deriva do verbo haçara, fortificar, munir. (Chorographia).”*¹⁴⁸ Não posso aqui deixar de mencionar, porém, a seguinte transcrição dos “manuscrits espagnols” da Biblioteca Nacional de Paris (códice 324 fls. 29 - 36 v.º) e da “Poblacion General de Espanã” de Rodrigo Mendes da Silva de 1645 que faz o Dr. J. Veríssimo Serrão¹⁴⁹ e que refere:

“Lugar de Lazarim”. Està el lugar de Lazarim, Comarca de Lamego, dos leguas distante, situado em un valle orillas de su rio, prouveido de truchas; es abundante de vino, y preciado de lino; com cien vezinos, una Parroquia. Poblòla Zadam Aben Vvin, referido Regulo, años 1030, lamandole Zarim, a que despues fue añadido el la. Cimentó también en el proprio tiempo a Lalim, que entiendo es villa, dos leguas de aquella

¹⁴⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 296

¹⁴⁵ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, págs. 46 a 49

¹⁴⁶ COSTA, J. Almeida / MELO, A. Sampaio e - *Dicionário da Língua Portuguesa*, pág. 894

¹⁴⁷ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, pág. 111

¹⁴⁸ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, pág. 112

¹⁴⁹ SERRÃO, J. Veríssimo - “Uma Estimativa da População Portuguesa em 1640” sep. de “Memórias da Academia das Ciências”, Lisboa, 1975, pág. 301

*ciudad, puesta en Llano orillas del rio Lazarin, fertil de mucha castaña, mijo, y lino, com cien vezinos, una Parroquia”*¹⁵⁰

Maçode, lugar na freguesia de S. Adrião do concelho de Armamar.

Trata-se de mais um antroponímico e cuja origem será o nome pessoal árabe *Mas'ūd*.¹⁵¹

Mafamudes, lugar da freguesia de Anreade do concelho de Resende, que não consegui localizar, será o actual *Moumis*?

Trata-se de um topónimo documentado no mais antigo registo sobre o território do actual concelho de Resende, datado do século X, em que aparece escrito *Mahamutis*. Parece portanto ser mais um antroponímico, desta feita de *Mahmude*, nome próprio de mulher com o significado de “Louvada”.¹⁵²

Mamouros, lugar e freguesia de Castro Daire.

A forma antiga era *Doma (de)Mouros*, em 1258 IS 930. “Doma” estará com o significado de *domu* (latim: «casa»), sendo assim «Casa de Mouros». Ver *Cabana de Mouros e Meda de Mouros*.¹⁵³

Mansores, povoação do concelho de Arouca. Provém do árabe *al-mançūr*, e significa «o vitorioso».

Foi o epíteto de um célebre chefe político e militar muçulmano, o hájibe *Abu Amir Mohammed “al-mançūr”* (939-1002). Ver Almançor.¹⁵⁴

Marame, lugar da freguesia de Espadanedo, concelho de Cinfães.

Provém do nome pessoal feminino usado por árabes e mouriscos, *Mariame* (Maria). Topónimo já documentado em 908 DC 14.¹⁵⁵

Marou, lugar da freguesia de Britiande do concelho de Lamego.

Não consegui localizar. Almeida Fernandes diz ser Marô e derivar do nome pessoal arábico *Omar*. *Omarolo*>*Omarô*>*Marô*.¹⁵⁶

Marrocos, lugar da freguesia de Valdigem do concelho de Lamego.

É também o nome de uma Quinta e de uma fonte, nesse mesmo lugar. Nome do país vizinho do Norte de África cuja conhecida cidade de Marráquexe, fundada pelos *Almorávidas*, lhe deu o nome.

¹⁵⁰ LARANJO, F. J. - *No Compasso do Concelho de Lamego (24 Freguesias)*, pág.47

¹⁵¹ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, págs. 45 e 46

¹⁵² FERNANDES, A. de Almeida - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, *Resende*, vol. 25, pág. 224 e SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 114

¹⁵³ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LXI, 2001, pág. 318/319

¹⁵⁴ LOSA, António - *A dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 22

¹⁵⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LXI (fascículos 1 e 2), 2002, pág. 21

¹⁵⁶ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 413

Massora, (também Massôrra) lugar da freguesia de S. João de Fontoura do concelho de Resende.

Não consegui encontrar documentação sobre este topónimo, no entanto, não consigo deixar já de o associar com o topónimo árabe da cidade iraquiana de *Bassorá* (Basra) e que existe também na Síria.

Maurel, lugar da freguesia de S. Martinho de Mouros, concelho de Resende. Não se encontra referenciado na carta militar. É referido por Almeida Fernandes como sendo topónimo moçarábico ¹⁵⁷. Ver Moira.

Melcões, freguesia do concelho de Lamego. Em 1258 era já *Melcoes*.

Topónimo que tem como base um plural de *Malikūn*, nome formado a partir do nome árabe *Malik*. ¹⁵⁸

Meridãos, localidade da freguesia de Tendais do concelho de Cinfães.

Topónimo que, embora não derive da língua árabe, parece ter na sua origem o povoamento feito por gentes provenientes de Mérida, provavelmente *moçárabes*. ¹⁵⁹

Mesquitela, nome de um pequeno curso de água que nasce na Serra das Meadas e separa os concelho de Resende e Lamego. Nome de um local no cimo desta serra.

Creio que será uma variante da palavra de origem árabe mesquinho, a qual “*Deriva do verbo sácana que na 8.ª conjugação significa ser pobre, indigente, necessitado*”. Poderá, no entanto, provir do nome, também árabe, *Mesquita*: (em árabe *massjid*) «templo ou lugar da adoração». ¹⁶⁰

Midões, cidade de Lamego.

Pinho Leal refere este topónimo como originário da palavra árabe *midān*, com o significado de «praça ou terreiro para escaramuças». ¹⁶¹

Miomães, aldeia e freguesia do concelho de Resende.

Suponho que, tal como Meimão, terá origem no antroponímico arábico *Maymūn* (CT 49-50).

Moção, localidade da freguesia de Pinheiro, concelho de Castro Daire.

Aparentemente trata-se de um antroponímico, pois a forma mais antiga registada é *Muçun* (DC 639), havendo posteriormente, em 1119, *Mozon* (DP IV 103), o que,

¹⁵⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, “S. Martinho de Mouros”, vol. 27, pág. 560

¹⁵⁸ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, pág. 56

¹⁵⁹ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, pág. 57

¹⁶⁰ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, pág. 125

¹⁶¹ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V, pág. 209

assim sendo remete para *Muzun*, plural do nome árabe *Muza*.¹⁶²

Moira, lugar do concelho de Resende.

O mesmo que Moura(s) e Mouro(s). Topónimo muito frequente. Registamos, por exemplo, próximo de Meridãos, no concelho de Cinfães: “Lapa da Moura”; “Penedo da Moura” e “Casa da Moura”. Junto ao rio Cabrum, entre Cinfães e Resende existe o local chamado “Pego do Mouro”, no concelho de Armamar “Cabeço da Moura”; em Moimenta da Beira “Via Moira”, em Tabuaço “Chão do Moiro”, em Lamego “Mourão” e “Castelo dos Mouros” (Penajóia), em Castro Daire, na freguesia de Tábua “*Meda de Mouros*”, etc.¹⁶³

Monsul, lugar e quinta da freguesia de Cambres do concelho de Lamego.

Em 1103 era *Muzul* e 1258 era *Mozul* (IS 1012). Trata-se, provavelmente, de mais um antroponímico que tudo indica provir do nome pessoal árabe *Muzurri*, documentado em 912¹⁶⁴. No Iraque existe uma cidade chamada Mossul.

Morões, aldeia da freguesia de Ferreiros de Avões do concelho de Lamego e lugar da freguesia de Santiago de Piães, concelho de Cinfães.

O mesmo que Mourões, de “*mauronis*”.¹⁶⁵

Moirinho, lugar da freguesia e concelho de Armamar. Diminutivo de Moiro. Ver Moira.

Molães, povoação da freguesia da Penajóia, concelho de Lamego e lugar da freguesia de Anreade do concelho de Resende.

Poderá ser *Maurilanis*, genitivo do antropónimo *Maurila*. Hipocorístico do nome pessoal *Maura* (965 DC 61). Assim, *Maurilanis* > *Mourilanes* > *Morlanes* > *Morlães* > *Mollães* > *Molães*.¹⁶⁶

Moura Morta, freguesia do concelho de Castro Daire. Ver Moira.¹⁶⁷

Mourellos, lugar da freguesia de Tendais do concelho de Cinfães. Poderá ser nome étnico, de Maurellos, de “mouros”¹⁶⁸. Ver Moira.

Mourilhe, lugar da freguesia de S. Cristóvão de Nogueira do concelho de Cinfães. (As pessoas mais idosas diziam *Mouril*). Ver Moira.

¹⁶² FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LVII (fascículos 3 e 4), 1998, págs. 270/271

¹⁶³ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, págs. 38 a 53

¹⁶⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, págs. 432 e 433

¹⁶⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, (Beira Alta, vol. LXI, 2002), pág. 296

¹⁶⁶ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LVII (fascículos 3 e 4), 1998, págs. 272/273

¹⁶⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LVIII (fascículos 1 e 2), 1999, pág. 12

¹⁶⁸ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, (Beira Alta, vol. LXI, 2002), pág. 274

Mourões, lugar da freguesia de Piães do concelho de Cinfães. O mesmo que Morões (cf.).

Mourosas, lugar da freguesia e concelho de Cinfães. Ver Moira.

Muchiães, lugar do concelho de Tabuaço.

Aparentemente é mais um antropónimo, cuja origem será o nome pessoal árabe *Muza* (Muça) que seria o seu proprietário.¹⁶⁹

Murça, lugar do concelho de Vila Nova de Fozcôa. “Na Idade Média aparecem-nos sob a forma de *Muça* ou *Muza* («Item dixit quod in *Muza...*») (...). Estamos perante um nome de origem antropónica - **muçay** -, correspondente ao hebraico *Moisés*. (...)

A passagem de *Muça* para *Murça* é certamente devida à analogia com certas palavras em que havia o grupo consonântico *-rs-*, que passava naturalmente a *-ss-* (*Versata* - *Vessada*; *Ursa* - *Ussa*), e nas quais, por influência erudita, se restituiu a forma primitiva, como é o caso de *Ursa* (Este topónimo foi estudado por David Lopes – *Toponímia Árabe em Portugal*, pág. 14).”¹⁷⁰

Naçarães, localidade da freguesia de Fontelo do concelho de Armamar.

Em 1258 era *Nazaraes*. Topónimo proveniente do bem conhecido nome pessoal árabe *Nāsir*.¹⁷¹

Nazes, local e pequena ribeira da cidade de Lamego.

Diz-nos M. Gonçalves da Costa: “*Em Nazes constituiu-se assim um novo bairro e um terceiro à volta da igreja de Almacave, extramuros, mas fazendo parte do concelho, ao contrário dos bairros da Sé e Medelo, que nunca pertenceram ao termo da cidade.*”¹⁷²

Embora não tenha conseguido documentar este topónimo, tudo sugere que, tal como o anterior, deva provir também do nome pessoal árabe *Nāsir*.¹⁷³ (ver Losa, «A Dominação árabe...»). Almeida Fernandes propõem também esta mesma possibilidade, referindo que, e devido à presença árabe, “*nada surpreenderia (tratando-se de) em Lamego*”.¹⁷⁴

Penajóia, freguesia do concelho de Lamego.

Não é um topónimo de origem árabe, no entanto relaciona-se directamente com a mesma época e com o povoamento então efectuado nesta região, desta feita por

¹⁶⁹ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 437

¹⁷⁰ LOSA, António - *A dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, pág. 53

¹⁷¹ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antropónica ...*, pág. 67

¹⁷² COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol I, pág. 297

¹⁷³ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antropónica ...*, pág. 67

¹⁷⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (origens)*, (Beira Alta, vol. LXI, 2002), pág. 280

judeus. A forma anterior era *Penajuía*>*Penna Judia*. Almeida Fernandes refere: “(...) é um índice de povoamento: uma «penna» (casteleja) defensiva de um grupo étnico (...)”.¹⁷⁵

Pretarouca, freguesia do concelho de Lamego.

Fr. João de Sousa refere este topónimo como *Bertarouca*, e seria, antigamente *Barrtaruca* (بر طرفه). Significa «campo trilhado, ou frequentado».¹⁷⁶

Ribabelide, lugar da freguesia de Lazarim, do concelho de Lamego.

Poderá ser *ribāt (de)Belide*? Proponho que se confronte com *Arribada* e *Arrábida*.

Ribada, ver *Arribada* e *Arrábida* (cf.).

Riba Lapa, lugar da freguesia de Ferreiros de Tendais, concelho de Cinfães.

Penso que, tal como *Arribada*, *Arrábida* e *Ribabelide*, poderá ter origem na palavra árabe *ribāt*.

Ribas, lugar junto da Ermida do Paiva, no concelho de Castro Daire.

Penso que, tal como *Arribada*, *Arrábida*, *Riba Lapa*, *Ribabelide* e *Ribelas*, poderá ter origem na palavra árabe *ribāt*, aqui no plural.

Ribelas, lugar da freguesia de Lalim, do concelho de Lamego.

Até ao século XII era *Ribadelas*, derivando portanto de *ribāt+ellas*. (ver *Arribada*)¹⁷⁷.

Sadinhas, lugar da freguesia de S. Martinho de Mouros, concelho de Resende.

Em 1258 era *Zaadias*. A origem deste topónimo é o nome pessoal *Sa'd* e encontra-se profusamente documentado em fontes dos séculos X e XI.¹⁷⁸

Safões, local e quinta do concelho de Resende, próximo da vila.

Antigamente era *Hafaones*. Almeida Fernandes põe a hipótese de se tratar de topónimo de origem arábica.¹⁷⁹

Samudães, freguesia do concelho de Lamego.

Em 1258 era *Zamudaes* (IS 1005). Também **Samodães**, embora a primeira forma pareça mais correcta devido à origem. Pedro Cunha Serra refere ser topónimo relacionado com *Samūt* «silencioso», “*adjectivo cujo uso no antroponomástico árabe está documentado*”.¹⁸⁰

¹⁷⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Censual da Sé de Lamego*, pág. 105

¹⁷⁶ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, pág. 79

¹⁷⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 515

¹⁷⁸ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, pág. 72

¹⁷⁹ FERNANDES, A. de Almeida - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, “*Resende*”, vol. 25, pág. 230

¹⁸⁰ SERRA, Pedro Cunha - *Contribuição Topo-Antroponímica ...*, págs. 72 e 73

Sardoeira ou **Sardoura**.

S. Martinho de Sardoura e Sta. Maria de Sardoura, povoações do concelho de Castelo de Paiva. Existe também, nas proximidades, o rio Sardoura. Fr. João de Sousa refere este topónimo como sendo de origem árabe e menciona o seguinte: “*Freguesia na Província da Beira, Bispado de Lamego. Significa andar à roda. É composto do verbo sara (árabe) andar, e de daura (árabe) à roda.*”¹⁸¹

Sevilha, lugar nas proximidades de Tabuaço.

Tal como os topónimos Córdova e Meridãos, atrás analisados, deverá ter origem no povoamento feito por população proveniente dessas terras do sul, com o mesmo nome. Seriam provavelmente moçárabes.

Sinagoga. Lamego. [ver Esnoga].

Sucres, freguesia de Penude do concelho de Lamego.

A forma medieval era *Zucares*, o que sugere a sua origem no nome pessoal árabe *Sukkar*.¹⁸²

Tarouca, vila e concelho do distrito de Viseu.

Curiosamente Fr. João de Sousa não refere esta palavra como topónimo, mencionando-a para dizer que se trata do “*músculo da coxa da perna*”, baseando-se em Avicenas. Teremos que ver, no entanto, o que este mesmo autor diz sobre *Pretarouca*.¹⁸³

Tões, localidade e freguesia do concelho de Armamar.

Documentado em 1258 (...villa de Toes...) IS 1089 e 1088. Transcrevo o que a propósito deste topónimo refere Almeida Fernandes:

«(...) *Reparo que em 1258 se tem a alternância Tūes < > Tões, pelo que, sendo Tues anterior, como é claro, só posso ver aí a transplantação de Tunes, a cidade do norte africano (ár. Tunis). Não há que surpreender, porque na região temos Marrocos (Marracos) (ár. Marrakx) IS 821, Córdova (Corduba) 1258 IS 996 e 997.*

As circunstâncias históricas comprovam por migrações: ver Córdova.

*A própria nasalação Tões está de acordo, devendo já entender-se mesmo em tūes, de acordo com a origem Tunes. Note-se que também no Algarve há Tunes.»*¹⁸⁴

Valdevez, lugar da freguesia da Ucanha, concelho de Tarouca e também da freguesia de Tarouquela do concelho de Cinfães (aqui surge grafado Vale de Vez).

¹⁸¹ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, pág. 144

¹⁸² SERRA, Pedro Cunha - *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*, pág. 20

¹⁸³ SOUSA, João de - *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, pág. 150

¹⁸⁴ FERNANDES, A. de Almeida - *A Toponímia da Beira Alta no “Dicionário Onomástico Etimológico” de José Pedro Machado*, págs. 10/11

O primeiro caso encontra-se documentado. Em 1258 era *Valis de Aveyzi* (IS 1080), sendo que *Aveziz* (Abez 1019 DC 230) é um antropónimo árabe.¹⁸⁵

Zambujeiro, lugar do concelho de Resende. O mesmo que *Azambujeiro*.

Esta palavra provém não directamente do árabe, mas sim do berbere *azanbūja*, que designa a «oliveira brava».¹⁸⁶

Algumas breves considerações sobre outros seis topónimos da região

1. Serra de Montemuro ou Monte Mouro?

A serra de Montemuro nem sempre teve este nome. De facto, aparentemente, esta designação só começa a ser usada a partir do séc. XI. Antes desta data o nome que surge em antigos documentos é o de monte “Gerôncio” ou “Geronzo”.

Ainda no ano 925 da era cristã a Serra de Montemuro era denominada Monte Gerôncio, nome este que provém de um general romano dos últimos tempos do Império, o qual “...governava em Hespânia, (e) tendo feito acclamar imperador um certo Maximo, abriu passagem pelas montanhas aos vândalos, alanos e suevos.”¹⁸⁷

“Este «monte Gerôncio» chegava, até aos seus limites mais ocidentais, a Alvarenga «vila» que no séc. X estava situada «subtus monte Geronzo rivulo discurrente Pávia» (Dipl. et Ch., n.º 30) e ia até cerca de Resende, a Anreade (ob. cit., n.º 56). No mesmo século, um Ildras faz doação de bens «in Geronzo ad castellum Lamego»”.¹⁸⁸ O que nos indicia que o território se estendia até às proximidades de Lamego e pertenceria à sua jurisdição.

Variados autores têm atribuído a origem do nome actual - Montemuro; ao facto de no cimo da serra, próximo do seu ponto mais alto, existir um antigo castro, dizendo que se trata do «MURO FRACTO» mencionado em escritos antigos, o que também não parece ser verdade, a avaliar pelas afirmações de Almeida Fernandes. Refere este mesmo autor que a designação «mons Muro Fracto» para além de se reportar a um pequeno monte, próximo de Tarouquela, onde existiria um castro (ou castelo), “é a expressão da localização, e nada tem com a relativa ao Montemuro, ao contrário do que alguém possa pensar, pois este jamais foi denominado «freito» (fracto), mas só, e sempre, «mons Muro» (ou, depois, Monte de Muro, séc. XV e XVI).¹⁸⁹

¹⁸⁵ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia Portuguesa*, pág. 568 e *A Toponímia da Beira Alta no “Dicionário Onomástico Etimológico” de José Pedro Machado*, págs. 31/32

¹⁸⁶ MACHADO, José Pedro - *Vocabulário Português de Origem Árabe*, pág. 79

¹⁸⁷ HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, vol. 1, pág. 28

¹⁸⁸ *Grande Enciclopédia portuguesa e Brasileira*, “Montemuro”, vol. 17, pág. 749

¹⁸⁹ *Grande Enciclopédia portuguesa e Brasileira*, “Tarouquela”, vol. 30, pág. 754

Porém se os documentos não relacionam nunca, especificamente, o *mons Muro* com o *muro fracto* o mesmo não se pode dizer relativamente àquele que foi o monte *Geronzo* ou *Gerôncio* como se depreende da seguinte transcrição: ...«*subtus mons Muro discorrente arúgio Nesperaria et ribolo Pávia et flumen Dorio, territorio Lameco*»¹⁹⁰, a qual será suficiente para identificar o «*mons Muro*» com o «*mons Geronzo*», pois que, indubitavelmente, se trata de uma descrição do mesmo território.

Por outro lado documentos há, no entanto, que inviabilizam a hipótese de o designado “*mons muro fracto*” corresponder ao monte *Gerôncio* e isto porque ambas as denominações aparecem simultaneamente, nos citados documentos, aludindo a territórios (montes) distintos. O primeiro data de 5 de Abril de 1101, em que “*Châmoa Eroz vende ao mosteiro de Pendorada os bens que possui em Louredo, Bafoeiras, Galizes, Ferreiros, Saïmes e Oleiros (cs. Cinfães e Resende).*” Onde se pode ler que: “*(...) subtus montes Geronzo et Muro Fracto decurrente rjuulo Durjo terrjtorjo Lamecense tam de alia parte Durio quam de ista.(...)*”¹⁹¹

O segundo documento é ainda mais claro e data de 5 de Agosto de 1106. Refere que “*Pedro Argemires doa ao mosteiro de Pendorada certas villae e casais em Clementina, Pindelo (c. Cinfães) e Louredo (c. Resende).*” Aí se menciona que “*(...) ipsa villa in Crementina et in loco que dicent Pinitello inter Aluarenga et Sancto Felice subtus **mons Muro Fracto** discurrente riuulo Nesperaria in flumina Pauia. Et in terra de Aregus duos casales in uilla Laureto iuxta illas aquas calidas decurrente flumine Durio subtus **monte Geronzo** territorio et diocesse Lamicensis ecclesie. (...)*”¹⁹²

Contudo, e mesmo que se ponha a improvável hipótese de o citado “*muro fracto*” se tratar do castro das portas de *Montemuro*, ainda assim não nos parece suficientemente credível. Porque motivo o monte iria mudar de nome?

Temos que concordar que para a alteração do nome se verificar haveria que se dar, forçosamente, um acontecimento de grande significado.

Seriam os vestígios castrejos assim tão importantes, sobretudo naquela época, que levassem as pessoas a mudar um nome de toda uma serra? Não nos parece! É completamente improvável, para não dizer impossível!...

De facto os indícios parecem bem apontar uma outra direcção. Primeiro a data em que tal acontecimento se verifica - SÉCULO XI. Pouco mais de três séculos sobre a imposição do domínio árabe. Segundo, o facto do território, aparentemente, estar

¹⁹⁰ Grande Enciclopédia portuguesa e Brasileira, “*Montemuro*”, vol. 17, pág. 749

¹⁹¹ AZEVEDO, Rui Pinto de - *Documentos Medievais Portugueses*, pág. 15

¹⁹² AZEVEDO, Rui Pinto de - *Documentos Medievais Portugueses*, pág. 15

adstrito à cidade de Lamego, a qual se encontrava também, na época, sobre o domínio árabe. Esta região foi inclusive, nesse período, palco de incessantes lutas travadas entre árabes e cristãos e é mesmo por Lamego que passa, por três vezes, em campanhas distintas, o célebre Al-Mansor com os seus exércitos. Por outro lado, enquanto o território entre Douro e Mondego havia já sido conquistado pelos cristãos, a região de Lamego permanecia ainda em poder do califado.

Assim, somos levados a dar razão a Basílio Alberto de Souza Pinto, quando lhe chama “*Monte de Mouro*”, facto que, em termos históricos, nos parece muito mais credível e passível de fazer alterar a designação de todo um território, que propriamente umas esventradas ruínas no cimo da serra.

De facto este autor, no seu livro “*Memória do concelho de Ferreiros de Tendais*”, refere que: “*A serra de Monte de Muro ou Mouro, sobre que está assentado o dicto concelho (de Ferreiros de Tendais); assim como os castellos d’Alrete e Ramires; de que ainda restam vestígios, dão indícios claros de guerras de Mouros.*”¹⁹³

Também Pinho Leal se refere a este território de forma semelhante ao falar do antigo concelho e vila de Ferreiros de Tendais: “*Situada na margem esquerda do Douro, no declive da serra de Monte Muro (ou Monte do Mouro) do lado do Norte d’ella. Esta serra, com as da Franqueira, Castro, S. Macário, Perneval, Arouca, Freita, Caramulo e outras, são ramificações da serra do Bussaco, e às quaes todas chamavam os antigos serra d’Alcoba.*”¹⁹⁴

Embora com a evidente importância relativa, não deixa porém de ser sintomática, nomeadamente quanto à influência que estes tiveram na região, a profusão dos mais variados topónimos referentes aos “mouros”, espalhados um pouco por toda a serra de Montemuro, como por exemplo: “Casa da Moura”; “Mourelas”; “Lapa da Moura”; “Moira”; “Mourosas”; “Penedo da Moura”; “Pedra da Moura”; “Buraco dos Mouros”; “Mina dos Mouros”; “Pego do Mouro”; “Cova da Moura” “Mourão”; “Mourilhe” e, claro, “S. Martinho de Mouros”.

Poderemos finalizar este problema colocando uma questão que nos parece pertinente: Se, de facto, a povoação de S. Martinho passa a designar-se “de Mouros”, graças à presença persistente destes, porque motivo tal não se terá verificado também relativamente ao monte adjacente por eles dominado, alastrando-se posteriormente a todo o sistema montanhoso?

¹⁹³ PINTO, Basílio Alberto de Souza - *O concelho de ferreiros de Tendais*, pág. 6

¹⁹⁴ LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, pág. 177

2. O nome da aldeia de Boassas

O primeiro indício de que o topónimo Boassas (talvez fosse mais correcto grafar-se Boaças) seria de origem árabe e que me despertou a curiosidade, foi dado pela leitura do livro de Manuel Gonçalves da Costa, “História do Bispado e Cidade de Lamego”, num parágrafo em que refere o seguinte:

*“...Boassas. Este último topónimo não deriva de “boa assás”, mas possivelmente da arábica Habaxa, com o significado de «aldeia negra», como opinou Pinho Leal, e o lugar foi vila e cabeça de couto, regulado por uma carta de foral de D. Afonso III, passada a 15 de Março de 1253.”*¹⁹⁵

Tal significado e proveniência, contudo, não se nos afigura muito credível, parecendo-nos mais lógica, bem documentada e coerente, a hipótese proposta por Almeida Fernandes. Significativamente, porém, mantém-se a origem árabe do topónimo, remetendo o autor, no entanto, uma análise mais profunda para um arabista e refere:

*“Boaças: freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães. (...)
A forma Boaças é a correcta: 1258 Avozas IS 981 este mesmo lugar. (...)
Avoaças < > Aboaças, a forma antiga, parece-me ser antroponímica arábica, embora de Abolace (1041 Zidi Abolace DC 314) fosse de esperar «Abolaces», o plural - ou melhor, Aboaces: mas não é raro -es >-as: cp. Máceras (Tarouca) < 1258 Mazares IS 1072. Talvez, por Ab- (Av-) se trate de cúnia: os arabistas poderão estudar o caso - e devê-lo-ão mesmo. Seria Abu'l Isa, depois com paragoge?”*¹⁹⁶

3. A “Arribada”¹⁹⁷

A ARRIBADA é sem dúvida a zona mais antiga e característica da aldeia de Boassas.

É constituída por um curioso misto de habitações, viela e pátios, cuja estrutura, sem dúvida antiquíssima, parece ter as suas raízes no tipo de urbanização utilizada pelos povos árabes. Este núcleo, graças a estas características e por ser o mais antigo, revela as origens remotas de Boassas, cujo nome aparece citado em documentos antigos, alguns datados de época anterior à nacionalidade.

O próprio termo “Arribada” manifesta uma extraordinária proximidade fonética com a palavra árabe “*ribāt*”, que significa oratório e que eram fortificações nas quais

¹⁹⁵ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, pág. 368

¹⁹⁶ FERNANDES, A. de Almeida - *Toponímia portuguesa*, pág. 96

¹⁹⁷ Ver Anexos: fotografias de Boassas e fotografia aérea da zona de Boassas, págs. 42 a 47

voluntários muçulmanos se mobilizavam para a guerra santa. Por vezes estavam também ligados a zonas mortuárias.

Estas fortificações parece terem sido prolíferas ao longo do rio Douro, onde poderão mesmo ter constituído o caso inédito de uma linha defensiva¹⁹⁸. Curiosamente, é também no Douro, na região de Barbariyya, que Ibn Hayyān refere a mais antiga menção que se conhece à existência de *ribāts*, no século IX, mais precisamente no ano 263/876-7.¹⁹⁹

Localizados em zonas fronteiriças, os “*ribāt*” viriam a originar palavras portuguesas como “rebate” e “rebato” - daí por exemplo a expressão “tocar a rebate”. Da mesma forma, também o topónimo Arrábida deriva do termo árabe “*rābida*”, que designa estabelecimentos colocados em locais perigosos, frequentados por crentes que aí tentavam viver uma vida ao mesmo tempo espiritual e militar.

Todos os indícios apontam para que a localização de Boassas fosse a ideal para a implantação de um *ribāt*.

4. O “Monte do Facho”

A acentuar ainda mais esta ideia de que Boassas seria um “*ribāt*”, a noção de que o “*Monte do Facho*”, nas proximidades da povoação, deverá o seu nome ao facto de aí serem colocados, em épocas remotas, fachos de lume que pontuavam os locais ao longo da linha de navegação do Douro. Estes locais eram também zonas de vigília sobre o rio e os territórios mais próximos.

*“Até meados do séc. XI, a ocupação islamita manteve-se no pendor meridional do vale, mercê do abrigo que o poderoso rio lhe oferecia. Desde os montes de Arouca até alturas de Leomil e Penedono, ardiam decerto muitos faros vigiados e alimentados por servidores berbéricos e morenos, de albornoz.”*²⁰⁰

Será aqui também de grande conveniência recordar então o que a este propósito nos diz António Losa: «*Apesar da sua natureza montanhosa (...) são raras as Atalaias da região cisduriense. Nesta parte do País, principalmente, o termo árabe sofre a concorrência de outros de origem diferente, como Facho e Faro, este último principalmente junto da costa marítima.*»²⁰¹

¹⁹⁸ Ver: PICARD, Christophe - *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb*, pág. 207

¹⁹⁹ Ver: PICARD, Christophe - *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb*, pág. 204

²⁰⁰ DIONÍSIO, Sant' Anna - *Guia de Portugal*, V volume, 2.^a edição, pág. 550

²⁰¹ LOSA, António - *A dominação árabe e a toponímia a norte do Douro*, Braga, 1956, pág. 27

5. A “Lapa da Chã”

No atrás citado “*Monte do Facho*” existe o afloramento rochoso designado por *Lapa da Chã*, o qual é também citado por Pinho Leal no seu «*Portugal Antigo e Moderno*», como sendo uma “*espaçosa gruta*”. Quem o visitar verificará, porém, que essa gruta não será assim tão espaçosa e que o que prevalece no local é mesmo a paisagem, os horizontes magníficos que daí se avistam e a própria configuração daquele afloramento rochoso. Do cimo da “Lapa da chã” é possível, no sentido nascente, ver o rio Douro numa grande extensão até às imediações da Régua e Lamego.²⁰²

A poente, ao fundo, vê-se a Pála e os seus soberbos laranjais. Em sentido oposto as Serras do Marão e das Meadas. Se nos voltarmos para Sul, então observamos os cimos da serra do Montemuro, os seus recortes graníticos, Cinfães à direita e Boassas em baixo, rodeada de olivais. Deste magnífico local é também possível avistar o designado Penedo de S. João, e o castro islamizado do Morro da Mogueira, em S. Martinho de Mouros.

Assim, tudo leva a crer que a *Lapa da Chã* possa ter sido, pelas características apontadas, um dos variados locais de vigilância estabelecidos ao longo da fronteira delimitada pelo curso do Douro, pois que muitas das próprias fortificações da época se deviam sobretudo às características naturais do terreno, como eram os casos das “*penas*” ou “*penhas*” (sendo de notar que ambos os vocábulos são sinónimos de “*lapa*”).²⁰³

6. O nome da freguesia de Oliveira do Douro

Por último, apenas para citar, à laia de curiosidade, o facto de a freguesia onde se localiza Boassas se designar de Oliveira, sendo que a mesma é antiquíssima e “*encontrava-se já organizada em 922, quando foi senhor dela o conde Rodrigo Lucílio*”²⁰⁴, isto numa época em que no país, a região de Lamego é a única a norte do Mondego em que se conhece produção de azeite durante a Idade Média: “*Só o aro de Lamego se avantajava numa penúria geral, expedindo para o Porto cereais, azeite, vinhos e vinagre. É a mais antiga e única referência à extensão da oliveira para o norte do seu limite medieval (cerca dos meados do século XV).*”²⁰⁵

²⁰² Ver Anexos: Fotografia da Lapa da Chã, págs. 49/50

²⁰³ Ver: MARQUES, António Henrique de Oliveira - *O Portugal islâmico* in «Nova História de Portugal» (dir. de Joel Serrão e António Henrique de Oliveira Marques), pág. 196

²⁰⁴ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. IV, pág. 368

²⁰⁵ RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos Geográficos*, pág. 116

Na região de Boassas prolifera o olival e será mesmo o local da freguesia em que mais intensivamente é cultivado. Conhecem-se pelo menos quatro antigas azenhas em Boassas e região limítrofe (uma delas com data de 1072).

A propósito deste topónimo, será de notar que ele se deve, sem dúvida à sua proliferação, numa época em que ainda se dizia Ulveira (Is 1258 981).²⁰⁶

Acerca da oliveira, do olival e da sua relação com a cultura árabe e magrebina, atente-se nas seguintes observações de Orlando Ribeiro: *“Três grandes culturas deve o mundo às civilizações mediterrâneas: o trigo, a vinha e o olival. Todas elas ascendem a uma antiguidade remota e eram sinais de formas de vida superior, quer pela generalidade do seu consumo, quer por serem objecto de comércio.”*

“Ramos de oliveira encontram-se em túmulos egípcios; quando a pomba solta por Noé voltou à arca trazia no bico um ramo de oliveira. Zeit é a palavra comum às línguas hebraicas, donde passou ao persa e às línguas turanianas.”

(...)«azambujo», palavra de origem berbere que passou ao árabe peninsular e magrebino, tanto designa a variedade (de oliveira) espontânea como a cultivada.”

“A azeitona entra largamente na alimentação popular, onde passou às mesas fartas e aos «acepipes» (do árabe «passas de uva») ou aperitivos, vendendo-se hoje nas lojas e mercados mais fornecidos.”

“Também entre os hebreus e outros povos do Oriente antigo, donde o uso passou provavelmente aos romanos e aos cristãos e muçulmanos medievais, os óleos aromáticos, com que se perfuma o corpo das elegantes e dos homens efeminados, consistiam em vários perfumes dissolvidos em azeite; ungião os pés doloridos do caminhante e eram entre os hebreus, uma forma de reverência, ao mesmo tempo que um preceito de higiene.”

“Safra designa o conjunto de operações desde a colheita do fruto até à saída do azeite do lagar; palavra de origem árabe, denota o incremento que os muçulmanos deram a uma cultura, embora florescente desde remota antiguidade.”

“Da época muçulmana ficaram muitos testemunhos no vocabulário e na toponímia: zambujo, zambujeiro, zambujal, estes dois também como nomes de lugar, como Azambuja, azeite, Azeitão (o olival), azeitona, safra, almanjarra, fanga (medida de capacidade para a azeitona), seira, almotolia (pequena vasilha de metal de boca estreita apenas utilizada para o azeite). Muitas palavras da mesma origem relativas ao

²⁰⁶ Ver: FERNANDES, A. de Almeida - *Povoações do Distrito de Viseu (Origens)*, in «Beira Alta», vol. LXI (fascículos 1 e 2), 2002, págs. 40/41

pastoreio revelam talvez o nomadismo atávico dos muçulmanos; mas árabes e berberes também eram sedentários, as suas cidades, maiores e mais prósperas do que as cristãs, possuíam uma cintura de culturas mimosas onde a oliveira tinha lugar; os berberes montanheiros eram mestres na construção de socalcos e na arboricultura. Os livros árabes peninsulares da agricultura referem tanto a propagação espontânea pelo caroço como a plantação; num ano de grande seca transplantaram-se árvores da África para a Península.”

“Uma Declaração régia, provavelmente do fim do século XIV, indica que os mouros pagavam azaqui (umas vezes a dízima, outras a quarentena) dos cabedais e frutos que recolhessem: dízima do pão, legumes, ervas, azeite, figos passados, «nas terras onde os houvesse», a quarentena do gado vacum, ovelhas, cabras, carneiros, cordeiros, camelos, a dízima das cavalgaduras e suas crias, do mel e cera. De notar que a figueira não era geralmente tão cultivada como a oliveira e a referência a camelos, que não me ocorre em outros documentos portugueses.

«Do azeite pagavam a dízima (azaqui), apresentando-a à sua custa no armazém do rei. Mas antes de fazer o azeite no lagar, era obrigado a mostrar as tulhas ao almoxarife do rei e ao seu escrivão, ou ao recebedor ou rendeiro, devendo esperar autorização de algum destes para tirar o azeite do lagar. Faltando-se a este preceito, a dízima seria dobrada, sem outra pena.» (Gama Barros, «Judeus e Mouros em Portugal nos tempos passados», apontamentos publicados por J. Leite de Vasconcellos na Revista Lusitana, vol. 34.º e 35.º, cit. A p. 223 do último vol.)

Esta disposição confirma a importância do azeite, já consignada em todos os forais de mouros forros.”²⁰⁷

Se é certo que, tal como afirma Cláudio Torres, “(...) o Islão corresponde ao Mediterrâneo. Só vai até onde chega a Oliveira”²⁰⁸, não será menos verdade que não terá sido também este motivo que possa obstar à sua forte presença nas terras durienses da região de Lamego.

Ainda no final do século XIX, afirmava Pinho Leal que nesta freguesia (de Oliveira do Douro), o azeite que se produzia, para além de ser em quantidade, era “(...) do melhor do reino (...)”.²⁰⁹

²⁰⁷ RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos geográficos*, págs. 111/112

²⁰⁸ TORRES, Cláudio - *O Mito da Invasão*, in jornal Público de 31 de Agosto de 2003

²⁰⁹ LEAL, Pinho - *Portugal antigo e moderno*, vol. VI, pág. 274

A profusão de vestígios e indícios da presença árabe na região que nos propusemos tratar é de tal ordem que, como conclusão imediata, teremos que admitir forçosamente que esta, contrariando uma ideia ainda vulgar nos tempos que correm [Gonçalves da Costa referia-se, ainda há não muitos anos a uma “(...) *permanência episódica dos árabes na região lamecense (...)*”], foi uma presença não só forte, como marcante e ...duradoura.

Para estabelecer esta conclusão haverá que considerar, à luz dos mais recentes estudos e descobertas, que a arte árabe/islâmica e nomeadamente a do al-Ândalus trouxe progressos consideráveis e foi, em muitos aspectos, pioneira e precursora dos principais movimentos artísticos medievais da Europa, nomeadamente do românico e do gótico.²¹⁰ De facto os árabes irão aportar à Península Ibérica elementos primordiais que caracterizam estes estilos, nomeadamente: a abóbada de nervuras; o arco de ogiva; o arco de querena; o *ajimez*; o *alfiz* e toda uma profusão de motivos ornamentais de nítida influência oriental, sobretudo persa e bizantina.²¹¹

Assim, ao nível dos vestígios arquitectónicos e arqueológicos poderemos estabelecer uma identificação que passa pelo agrupamento em três tipos distintos:

1. Um primeiro núcleo, bastante arcaico e primitivo (do séc. VIII ao X) onde se inserem ruínas, elementos e vestígios característicos da cultura árabe (fortificações; oratórios, cubas e mesquitas; portais; janelas e elementos arquitectónicos pré-românicos inseridos em posteriores reconstruções; etc). Este primeiro grupo caracteriza-se também por um grande aproveitamento de estruturas anteriormente existentes, visigóticas e nomeadamente romanas, não só em fortalezas, como castros romanizados, passando pelas próprias estradas e pontes. Exemplos: Igreja de Cárquere; Igreja de Almacave; Castro da Mogueira; Igreja de S. Martinho de Mouros; Igreja de Balsemão; Castelo, Murallas e Cisterna de Lamego; Castelo de Penedono; Igreja de Tarouquela; etc...
2. Um segundo núcleo que, embora relacionado ainda directamente com a cultura árabe/islâmica, é já claramente posterior (meados do séc. X a finais

²¹⁰ Ver: STIERLIN, Henri - *Islão, de Bagdade a Córdova (A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII)*, págs. 122 a 124 e LÉVI-PROVENÇAL - *La Civilización Árabe en España*, págs. 112/113

²¹¹ Nota: LÉVI-PROVENÇAL chega mesmo ao ponto de afirmar sobre esta questão que, “(...) *el arte románico de la alta Edad Media es, bien directa o indirectamente, deudor al arte del Islam español anterior al siglo XII(...)*”, in: *La Civilización Árabe en España*, pág. 112

do séc. XII) e será, essencialmente, constituído pelos elementos moçárabes e “mudéjares”. (Detectam-se sobretudo em edifícios religiosos - capelas e igrejas; túmulos; azulejos e elementos arquitectónicos decorativos).

As igrejas desta região denotam, invariavelmente e nesta mesma época uma profusão de símbolos, elementos decorativos e acepções construtivas de típica concepção árabe, islâmica ou oriental. É dado como certo que, após a conquista do território por D. Fernando I, em muitas das igrejas e fortificações foram obrigados a trabalhar escravos muçulmanos, nomeadamente na sua reconstrução.

Exemplos: Igreja de Almacave; Igreja de S. Pedro das Águias; Igreja de Barrô; Igreja da Ermida do Paiva; Sé de Lamego; túmulo da Igreja de Cinfães; Igreja de Escamarão; Igreja de Tarouquela; etc.

3. Por fim um terceiro grupo onde, em obras já mais tardias e plenamente cristãs (do séc. XII em diante), será possível detectar influências árabes e orientais. Poderemos mesmo referir que esta influência nunca cessou completamente, e que é possível observar, em templos e construções posteriores, elementos típicos (ou que se vieram a tornar típicos) da arquitectura islâmica, como o arco de ferradura, de querena, o alfiz e o agimez, e que perduraram quase até aos dias de hoje, como muito bem simbolizam, por exemplo, no Porto, o famoso “salão árabe” do Palácio da Bolsa, edificado em 1880, segundo projecto do arquitecto *Tomás Augusto Soller* e o belo edifício dos escritórios da antiga Fábrica de Cerâmica das Devesas, na Rua José Falcão, edificado por volta de 1890 e cujo projecto deverá ser da autoria de *José Joaquim Teixeira Lopes*.²¹²

Também em Gaia as próprias instalações da referida fábrica apresentam influências da arquitectura árabo-andaluz, nomeadamente nas ameias orientais e nos revestimentos de parede em azulejos hispano-árabes.²¹³

A importância de Lamego

Embora sob domínio árabe, Lamego irá no entanto manter o seu bispo e a própria igreja episcopal vindo a possuir uma significativa comunidade moçárabe, que se

²¹² Ver Anexos: Porto árabo-ândalus, págs. 63/64

²¹³ LOSA, António - *Influência Andaluza na Arquitectura Portuguesa dos Séculos XIX e XX*, Coimbra, (separata das actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos), pág. 16/17

encontra referida em documentação da época e que habitava os arrabaldes da cidade, junto da capela de S. Salvador, na margem direita do rio Coura.²¹⁴

A identificação de um grande número de fortificações de época árabe, ou com vestígios da sua presença, ao longo do Douro vem dar consistência à tese de que este seria uma linha de fronteira de criação intencional e bem definida. Por outro lado acentua também a ideia, apontada por Christophe Piccard, de que esta poderá até ser mesmo a única linha defensiva, bem delineada e intencionalmente construída com esse fim, conhecida no Garb al-Ândalus. Este facto não seria de estranhar, tendo em conta que a norte do importante curso fluvial se localizavam, (tal como os próprios escritores árabes da época referiam) terrenos mais inóspitos e montanhosos, com um clima adverso aos povos do sul, onde a presença cristã era mais acentuada e para onde se haviam retirado aqueles que não queriam permanecer sob domínio muçulmano.

Por outro lado a profusa existência ao longo do Douro de estruturas de defesa pré-existentes - castros e castelos, conjugada com a formação de autênticos nichos de microclimas, em terras férteis e que propiciavam as culturas típicas do sul, como o azeite; o trigo e a vinha, tornavam-se imensamente apelativos e convidavam à fixação destes povos.

Quanto aos outros vestígios apontados, poderemos também referir, em primeira instância, o seu carácter profícuo e generalizado. Embora talvez sem um peso tão grande como os anteriormente enunciados, não serão contudo, menos importantes. Serão até, talvez, mesmo estes que acabam por constituir a prova evidente da persistência no tempo da fabulosa herança cultural destes nossos antepassados civilizadores a qual, embora perseguida, maltratada e sobejamente incompreendida, mesmo nos tempos que correm, acabou por ser guardada pelas próprias populações, por vezes de uma forma carinhosamente simbólica, acabando por contrastar fortemente com a imagem que o poder pretendeu transmitir, sobretudo a partir de determinada época.

²¹⁴ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 84